

AUTORES & LIVROS

Ano 10
20/2/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 51
Núm. 7

Notícia sobre Alcantara Machado

José de Alcantara Machado de Oliveira nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 19 de outubro de 1876. Era filho do dr. Brasílio Amadeu Machado de Oliveira, Barão de Brasílio Machado, e de Maria Leopoldina de Souza Machado de Oliveira. Fez os estudos primários na Escola Normalidade, de João Kopke e os secundários no Colégio Moretzenbach.

Matriculando-se em 1898 na Faculdade de Direito de São Paulo (estabelecimento em que seu pai era professor), ali se formou em 1893 em ciências jurídicas e em 1894 em ciências sociais. No ano seguinte era nomeado lente substituto do estabelecimento, tendo regido a cadeira de Medicina Legal e Higiene Pública. Em 1923 era nomeado professor auxiliar da mesma disciplina. De 1927 a 1930 foi vice-reitor do estabelecimento, e foi seu diretor de 1931 a 1935.

Paralelamente a essa atividade de mestre, teve sempre Alcantara Machado uma atividade de político e homem de ação. Em 1911 era eleito vereador à Câmara Municipal de São Paulo, ali permanecendo até 1918. De 1915 a 1924 foi deputado estadual em São Paulo. De 1924 a 1930, foi senador estadual. De 1933 a 1935, foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte e "líder" da bancada da "Chapinha única por São Paulo unido".

Em 1935 foi senador federal permanecendo na Alta Câmara até à dissolução do Congresso.

Fez parte da Comissão Organizadora do Cód. do Proc. Civil e Comercial do Estado de São Paulo, foi vice-presidente do Conselho Penitenciário de São Paulo; pertenceu à Comissão da Reforma Federal do Ensino; ao Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; à Ordem dos Advogados de São Paulo; foi correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; pertenceu à Sociedade Capistrano de Abreu; foi fundador e presidente da Sociedade de Criminologia e Medicina Legal de São Paulo; foi fundador e primeiro presidente da Associação de Escoteiros; foi diretor da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia; foi presidente do Conselho Superior da Escola Política de Sociologia de São Paulo; vice-presidente do Congresso de Ensino Jurídico de 1927; presidente da Seção Jurídica Paulista na Conferência Sul-Americana de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal; sócio honorário do Instituto de Engenharia de São Paulo.

A tantos títulos juntava mais estes dois: — o de acadêmico da Academia Paulista de Letras e o de acadêmico da Academia Brasileira de Letras.

Na primeira dessas duas instituições, ocupava a cadeira n. 1, que fora criada por seu pai, o dr. Brasílio Machado. Tinha ali co-

mo patrono seu avô, o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.

Alcantara Machado, depois da morte de Amadeu Amaral, fora eleito presidente dessa instituição.

Na Academia Brasileira de Letras entrara em abril de 1931, indo substituir Silva Ramos na cadeira n. 31 que tem como patrono o poeta Tomás Antônio Gonzaga. Substituiu-o nesse "fauteuil" o sr. Getúlio Vargas. Na Academia Brasileira Alcantara Machado pronunciou o elogio de Silva Ramos e os discursos de saudação a dois novos confrades — Paulo Setúbal e Levi Carneiro.

Como escritor, Alcantara Machado começou a produzir muito cedo. Em criança, rabiscava um jornalzinho manuscrito — "O Rouxinol". Mais tarde, quando cursava a Faculdade, enviava para a "Semana", de Valentim Magalhães, sonetos de boa forma parnasiana, imitando Heredia e Raimundo Correia; escondia-se sempre, porém, detraz de prudentes pseudônimos...

Publicou o primeiro livro quando aluno da Faculdade, em sequência de um concurso aberto entre os estudantes pelo professor Pinto Ferraz. Publicou depois vários outros volumes de natureza jurídica.

Seu grande livro literário, porém, aquele que lhe deu tão alta situação nos quadros mentais do Brasil, foi a "Vida e morte do Bandeirante". Para escrevê-lo, Alcantara Machado estudou minuciosamente os vinte e tantos volumes publicados pelo Arquivo de São Paulo, volumes em que se encerram os testamentos e os inventários da época colonial. Fez, com todo esse material em forma, um livro de rara finura, de rara elegância — uma obra prima no seu gênero. E foi a "Vida e morte do Bandeirante" que lhe deu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Apaixonado pelos assuntos brasileiros e especialmente pelas questões paulistas, Alcantara Machado deixou-nos igualmente um excelente livro sobre a personalidade de Brasílio Machado. Ao morrer, estava escrevendo a biografia do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira; e bem assim uma biografia do rio Tietê, assunto que entre todos lhe era grato.

O escritor faleceu em São Paulo, em 1 de abril de 1941.



Alcantara Machado

SUMÁRIO

PÁGINA 101:	Guastini, de Alcantara Machado.
— Notícia sobre Alcantara Machado.	PÁGINA 111:
— Bibliografia de Alcantara Machado.	— Palavras que enganam o tradutor de Inglês, III, de Miss Hull.
PÁGINA 102:	— Oava Biles, de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.
— Peroração de um discurso, de Alcantara Machado.	PÁGINAS 112, 113 e 114:
— Dedicatória de Vida e Morte do Bandeirante, de Alcantara Machado.	— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Primeira série — Antologia da Poesia — XXIV — Ascenso Ferreira.
— Uma recepção acadêmica, de Medeiros e Albuquerque.	— Ascenso Ferreira (nota sobre o poeta).
— Os inventários dos bandeirantes, de Alcantara Machado.	— Ascenso Ferreira em companhia de Odorico Tavares, numa caricatura de Augusto Rodrigues.
PÁGINA 103:	— Branquinha.
— Alcantara Machado e o Brasil (Trecho do discurso de saudação a Alcantara Machado na Academia Brasileira de Afonso Peixoto).	— A pega do bol.
PÁGINA 104:	— A mula de padre.
— Os Reis Magos, de Alcantara Machado.	— A cabra cabrita.
— O grupo bandeirante, de Alcantara Machado.	— A casa grande de Megalope.
PÁGINA 105:	— Mulata sarará.
— Alcantara Machado, historiador e professor. (Trecho de Conferência), de Levi Carneiro.	— Toré.
PÁGINAS 106 e 107:	— Senhor Sanjoia.
— Fato de vestir, joias e limpeza da casa, de Alcantara Machado.	— A força da lua.
— Perfil de João Ribeiro, de Alcantara Machado.	— O Verde.
— Se... (de Rudyard Kipling), tradução de Alcantara Machado.	— Senhor de enxada.
PÁGINA 108:	— Successão de S. Pedro.
— Perfil de Alcantara Machado (Trecho de discurso de Getúlio Vargas).	— Nordeste.
— Um autógrafo de Alcantara Machado, Carta a Mucio Leão, datada de Abril de 1931.	— Trem de Alagoas.
— Alcantara Machado e Domingos Gonçalves de Magalhães, de Jorge de Lima.	— Fac-símile de um autógrafo de Ascenso Ferreira.
PÁGINA 110:	— Monólogo com a Emigrada, de Lodo Ivo.
— Algumas cartas a Mario	PÁGINA 115:
	— Heredia em português. La Conquer. Traduções de Freitas Guimarães, Eugênio Savard, Cruz Filho, Raul Machado, Carlos Brandão, Luiz Franco, Ernani Lopes, Lucio Mesquita e M. C. Bandeira Filho.
	PÁGINA 116:
	— Frederico Nietzsche, Ide João Ribeiro.
	— Canção de terra viagem, de Maria Quintana (com desenho de Santa Rosa).

BIBLIOGRAFIA DE AL- CANTARA MACHADO

- Do momento da execução nos contratos por correspondência. 1892.
- A embriaguez e a responsabilidade criminal. 1894.
- O Hipnotismo — 1895.
- A deformidade nas lesões pessoais — 1901.
- Suicídios na capital de São Paulo — 1905.
- Quatro discursos — 1912.
- Problemas Municipais — 1915.
- Honorários médicos — 1918; segunda edição, 1921.
- Alocuções — 1921.
- Vida e morte do Bandeirante — 1929; segunda edição, 1930; terceira edição (da Livraria Martins, com ilustrações de Wasth Rodrigues e prefácio de S. Millot, 1943).
- O ensino na periferia (com o professor F. Paverio) — 1930.
- O exame pericial no Direito Romano — 1930.
- O ensino de Medicina Legal nas Faculdades de Direito — 1930.
- Discursos de posse na Academia Brasileira de Letras, com a saudação que lhe foi feita em nome da instituição

- por Afrânio Peixoto — 1933.
- A Bancada Paulista na Constituinte — 1935.
- Discurso de saudação a Paulo Setúbal na Academia Brasileira de Letras — 1935.
- Discurso de saudação a Levi Carneiro na Academia Brasileira de Letras —
- Genéalogia de Magalhães ou o Romântico arrependido — 93 páginas — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1936.
- Brasílio Machado (1848-1919) — 215 páginas — Coleção Documentos Brasileiros — Livraria José Olympio — Rio — 1937.
- Alocuções Acadêmicas — 157 páginas. Contém a seguinte matéria: Na Academia Brasileira — Elogio de Silva Ramos; Recepção de Paulo Setúbal; Recepção de Levi Carneiro. Na Academia Paulista — Recepção de Plínio Airoza; Palavras inaugurais sobre o 30.º aniversário da Fundação da Academia Paulista. Erasmo de Rotterdam; Amadeu Amaral; Paulo Elro e Carlos Gomes.

PERORAÇÃO DE UM DISCURSO - ALCANTARA MACHADO

UMA RECEPÇÃO ACADEMICA

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Nas Academias, como no céu (houve quem o dissesse antes de mim), aparecem de quando em quando eixos inexplicáveis. Designou-me a sorte para encabeçar a lista delas em o vosso grêmio.

Mas até nas maiores extravagâncias obedeço o acaso a um determinismo secreto; e pode repetir a quem se mostra indignado ou aturdido com os seus decretos sem considerandos, a obvação do demônio dantesco, errada de malleia:

"Tu non sapesi ch'io logico fosse"...

Que motivo teria movido a Academia ao desacerto de escolher-me? Penso que o gosto bem feminino de variar. A palhaço do contraste levou-a a preferir os postulantes mais dignos em proveito do candidato menos parecido com o fundador e com o patrono da sede vacante.

Assim, nem por graça se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileiro. Paulista sou, há quatorcentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração. todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembleias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provincial, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.

Amo-a com a ingenuidade e a cegueira inseparáveis do verdadeiro amor. Em sua paisagem tranqüila. Em sua gente menos sobranceira do que retrada. Pelas qualidades que lhe constroem a grandeza. Pela dignidade com que suporta a desgraça. Preocupada com as coisas essenciais. Idealista e prática, merecê da fusão harmoniosa das almas de Marte e de Maria. Avida dos bens materiais, porque tem horror à dependência; mas igualmente ambiciosa das riquezas impercíveis; e por isso mesmo tão ufana de suas fábricas e lavouras, como de suas escolas e de seus poetas. Faminta de progresso e respeitosa da tradição: a algumas brancas dos cafeais de S. José do Rio Pardo, o rancho de Euclides; junto às chaminés de Campinas, a mansão das andorinhas; ao pé dos arranha-céus de S. Paulo, a árvore das lágrimas. A tal ponto generosa e "benéfica aos forasteiros" que se um deles chega, cheio de sanhas e de prevenções, logo se esquece de rumbá-lo e se põe a cortejá-lo escandalosamente. Tenaz como a verdade. Paciente como a justiça. E, como a clareza, leal.

O nome varonil que no batismo recebeu dos jesuítas anuncia-lhe a predestinação radiosa. Nas primeiras palavras de Saulo, tipos de sideração pela graça, preluz o temperamento dinâmico daquele que, sem perda de um minuto vai conquistar o mundo para o cristianismo: "Senhor que devo fazer?" A vocação histórica do paulista é, como a de seu patrimônio, a ação. Talvez se envaldece de mais do que tem feito. Mas a modestia é virtude eminentemente individual e quasi privativa dos oradores...

O apóstolo das gentes não renuncia jamais as prerrogativas de cidadão romano. Ainda neste particular se lhe assemelha o povo que, sob a sua invocação, nasceu e cresceu no altiplano, a bira do Anhembi. Colonos e mamelucos afirmam-se desde logo "adversários a todo ato servil", no conceito de Antonio de S. Paulo. Ciosos dos foros de homens livres não sabem viver senão dentro da ordem jurídica; e de quanto querem à liberdade estão sempre dispostos a dar o que Demóstenes chamava o testemunho da carne. Ao donatário da Capitania fala de cabeça erguida, nesta linguagem cheia de alvite e de franqueza, o Senado da Câmara paulistana: "Os capitães e ouvidores que Vossa Mercê manda, como os que cada quinze dias nos metem os governadores gerais, em outra coisa não entendem, nem estudam, senão como nos hão de esfoliar, destruir e afrontar... e não há quem sofra tamanhos desastrosos". Isso, em 1613... E, por sabê-la indomita e ingovernável senão por si mesma, alguém sugere (no século XVIII, bem se vê) a conveniência de ser comprada e arrazada a povoação "de San Paulo".

Cada um de vós poderá sem esforço reconhecer a própria gente no retrato, enfeitado certamente pela piedade filial, que da minha acabo de esboçar. Plasmadas com diferenças mais ou menos sensíveis de dosagem nas mesmas substâncias étnicas, vinculadas pela comunhão das aspirações e dos sofrimentos, as nossas populações têm aquela aparência íntima na diversidade aparente que é o cimento melhor da unidade política.

Para manter-lhes a coesão, basta um pouco de cordialidade e inteligência. Cabe à Academia, que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionais, o dever, de que jamais desviou, de apertar os elos de solidariedade, por uma compreensão e um conhecimento mais perfeitos entre os brasileiros de todos os Estados.

Tal o ensinamento oportuno da solenidade, em que recebei, pela voz amiga de um baiano de Lençóis, para ocupar a cadeira dignificada por um pernambucano de Recife, um paulista de Piracicaba, cidade que tinha do tempo de meu nascimento o nome Augusto de Constituição.

Assim entendido o vosso gesto é daqueles que, na hora atual, sobressaltada pela conjuração de apetites impuros, ódios absurdos e ideologias dementes, nos impõem a coragem de não descer e nos dão o direito de não desesperar.

(Discursos Acadêmicos, v. 8)

Dedicatória de "Vida e Morte do Bandeirante"

ALCANTARA MACHADO

Para minha mulher
meus filhos
minha nora
meus netos
paulistas como eu
e os meus antepassados
desde Antonio de Oliveira
chegado a S. Vicente em 1532.

— Na grã de Academia...

— E a Academia tem grã? — pergunta um leitor, exprimindo um grande espanto, porque, de certo, não porca que uma corporação destinada ao cultivo do bem falar e bem escrever, não pôde ter grã.

— Tom, sim, senhor. Toda a sociedade, toda associação, toda agrupamento humano, que se dedica a um gênero qualquer de atividade especializada, acaba por ter modos particulares de exprimir-se. Isso acontece na Academia, nos Congressos, em todo parte.

— Bem; continua

— Na grã de Academia, Silva Ramos era "um defunto difícil de carregar".

O que com isso se quer dizer não é que o morto seja destituído de mérito; é que teve uma vida sem perspectivas acidentadas, uma vida como a dos povos sem história.

De fato, alguém disse que os povos felizes não têm história.

Silva Ramos era um modesto. O seu ideal era a vida calma, afável, afetuosa e apogada.

Certo dia, em que, por acaso, ao sair da Academia, tivemos um carro aberto, ele me fez uma confidência estranha.

A tarde estava magnífica. Por outro lado, nós sempre nos entendemos pessoalmente muito bem, opositor de sua luctuolatria. Parece que a suavidade do momento convidava as confidências.

E verdade que, mesmo em uma tarde assim, alguém que tivesse o leito de Machado de Assis nunca se faria, porque Machado nem os taxia, nem os apreciava. Ele detestava os que chamava "derramados". Mas Silva Ramos, essencialmente estético e simples, era de uma psicologia inteiramente diversa.

Quando o carro ia rodando pela avenida Seiro-Mar, entre um céu e um mar, que disputavam um ao outro qual seria mais suave, Silva Ramos me contou que se sentia feliz e que a morte já não lhe fazia medo.

— Por que?

— Porque julga ter cumprido seu dever.

Que dever era esse ou lhe perguntei e ele me explicou. Parecia-lhe que todo homem, tendo recebido a dom da vida, devia transmitir a uma geração adiante da de seus filhos. Achava que ninguém devia contentar-se em ter um filho, mas ter também, pelo menos, um neto.

É uma velha comparação a dos que assimilam os homens aos que na Grécia Antiga levavam sobre uma tocha e a deviam passar, também, acêsa, a outros.

Mas Silva Ramos é um pouco mais longe: ele achava que a que tinha passado a tocha e um primeiro, devia estar certo de que fosse a transmitir a terceiro. Silva Ramos foi, aliás, durante algum tempo (não sei se toda a vida), um crente no espiritismo.

Assim, e sua grande alegria era a de ser avô. Parecia-lhe que a tocha acêsa, por ele transmitida ao filho, lhe devidamente passada adiante.

Seu homem simples, bom, essencialmente modesto, nunca procurou chamar a atenção sobre si mesmo. Não se via, portanto, que houvesse muita coisa a dizer sobre ele.

No entanto, Alcântara Machado achou e fez um dos mais maravilhosos discursos de recepção, que a Academia tem ouvido.

Neste, quando alguém apontava qualquer trabalho, há na assistência dois grupos. Um é o dos que acolhem calmas, polidos, atenciosos, mas, às vezes, um pouco frios e distantes. O outro é o dos que se identificam com o orador, parecem ter tanta prazer nos aplausos que recebem, como se fossem deles os aplausos. Silva Ramos era desse número. Sua presença era sempre encorajante, reconfortante, animadora.

Se lhe tivesse estado na última recepção de Academia, embora não se tratasse d'ela, ninguém aplaudiria mais calorosamente Alcântara Machado.



Alcântara Machado, quando fazia um discurso no Senado da República.

OS INVENTÁRIOS DOS BANDEIRANTES

Alcântara Machado

Assim completos e minudentes, os inventários constituem depoimentos incomparáveis do teor da vida e da feição das almas na sociedade colonial.

A luz que se irradia dessas laudas amareladas pelos anos e rendadas pelas trucas vermosas surgirem vagarosamente do fundo indeciso do passado e fixarem-se nas encostas vermelhas da colina fundamental, as casas primitivas de taipa de mão e de pilão. Recompõe-se por encanto o mobiliário que as guardava. Sobre as mesas se dispõem as baixelas de prata santuosa ou de estanho piebeu. Mãos invisíveis abrem as arcas e arrastam as alfaias domésticas e o fato de vestir. As paredes se enfeitam de espelhos, armas ou painéis. Logo, porém, as cores empalidecem, as linhas se dissolvem, a miragem se desmancha; e no horizonte alargado outro cenário emerge pouco a pouco e ganha forma e colorido. É o sítio da roça, que aparece, com o casarão solarengo, posto a meia encosta, protegido do vento sul; as palhoças de agregados e escravos; os algodões pintalagados de branco; o verde anêmico dos canaviais, em contraste com o verde robusto e lustroso da mata convizinha; e arranhado o silêncio, a cantiga monótona de um moinho "moente e corrente".

Pelas vielas do povoado ou através das lavouras, deslizam sombras. Rebanhos trágicos de negros da terra ou da Guiné. Mamelucos madraços e atrevidos. Potentados do grande sesquito, cheios de rudeza e gravidade, que passam e de repente desaparecem, tragados pelo sertão. Desses tanta-mas humildes ou altaneiros não distinguimos a fisionomia tão largo e o espaço que nos separa. Mas, apesar da distância, ouvimos o que dizem e sabemos o que sentem.

Viver alguns instantes com os mortos de que vivemos entre as coisas que os cercavam, é a volúpia a que nos convidam essas folhas rebarbativas, desmanchadas em poeira ou moquedas de bolor.

(Vida e Morte do Bandeirante.)



Alcântara Machado em seu gabinete de trabalho.

(A GAZETA — 24-5-1933)

(Trecho do discurso de saudação a Alcantara Machado na Academia Brasileira) = Afranio Peixoto

RA MACHADO

The article states that a male laborer must
be so humiliated and oppressed

militar, não prezada na América Latina, a imediata, a política, membro do Governo Provincial do Rio Grande, depulso por essa provincia na primeira legislatura geral, presidente do Pará, das Alagoas, do Espírito Santo, de Santa Catarina, deputado ainda por varias provincias, e pela sua, de São Paulo. Com a acção pública, o culto

1930

SAO PAULO

Página do título de "Vida e Morte do Bandeirante" de Alcântara Machado

FATO DE VESTIR, JOIAS E

Dizem alguns, com mais espanto do que ironia, ao contemplar o mundo de gravatas e talarinas, na bagagem de um homem da moda: "vejam só de que quimica coisa pode precisar a gente nesta vida!" Observação diametralmente oposta despretaria sem guião a inspeção das canas encouradas, dos baús de boi ou moscovita, cobertos de couro em pelo, das caixas de aitos pes feitas de vinílico, endro ou canela, com duas argolas nas cabeças, cacatinhos, puxadeiras e chaves, em que costumavam guardar a limpeza de corpo, mesa e cama ou puladas de banho.

O próprio lustrador não tem preocupações de elegância. A pragmática lhe proíbe vestidos de seda. Andam os homens de saia e capa de bacia, calças de pano escosses, chapéu de feltro, boteguins de nátequim; e as mulheres se envolvem em um grande manto, que lhes esconde o corpo, imitando o texto. Troféio Braga situa no reinado de Felipe II, de Espanha, a introdução de miúdas de seda, gabões de raso, que e um tecido de lã tosado, sem felpa, e calções e bragas de veludo na indumentária portuguesa.

Imaginem-se, pelo que se vê no reino, o que val por aqui, neste sertão e cabo do mundo, no disampero e miséria da colônia. Vestem-se todos pobremente, por figurinos desuets, ou, como dizem certas avaliações, "pelo uso antigo". Os inventários de data mais afastada abonam plenamente os depoimentos de frei Vicente do Salvador e Padre Fernão Cardim (1599): homens e mulheres se cobrem de pano de algodão tinto, e se há alguma capa de bacia ou manto de sarja, se emprega aos noivos e noivas para ir à porta da igreja.

Pano de algodão, é, com efeito, durante largos anos não só a moda, como o vestido da terra. Comprovam-no os termos judiciais em que os curadores se obrigam a reparar, sustentar, alimentar os orfãos, seus curatelados, conforme as usanças da terra, que é pano de algodão.

Que dizem do vestuário masculino os inventários?

Dizem primeiramente que não peca pela abundância a roupa branca. Um par de ceróias e um par de camisas, quando muito, por cabeça. Isso mesmo de algodão grossoiro. Contam-se pelos dedos os que têm mais e melhor. O linho, a holandã, o raso, a britânica só aparecem de quando em quando.

Apêndice indispensável da camisa são as voltas de renda e especialmente os mantos de algodão, ruão ou holandã, acompanhados de punhos da mesma laia. Os mantos se transformam de pouca nos cabedões de linho e britânica e, afinal, nos colarinhos contemporâneos. Encontram-se de toda a casta, para todos os gostos: chãos, despidos, de arabiques e lavrados e guarnecidos; despretenciosos, calando em abas sobre o peito e complicados, multiplicando-se em abanos ou canudos e folhos ou fulhagem; de festo; de canequim com suas rendas; há cabidos especiais para guardá-los.

Nos documentos dos primeiros tempos as meias figuram ainda com o seu nome primitivo de meias-casas. Unidas com suas fitas de agulha. Outras, de agulha, verdosas. Usam-se muito as chamadas de cobrestilha, que chegam apenas ao tornozelo, deixando o pé desnudo. Exigem por isso mesmo, com complemento, o escurupim ou escurupim, calçado de lençaria ou ponto de meia, que cobre o pé e forra a planta, com duas espessuras sobre o calcabar.

As meias de agulha de fio de algodão, se vão juntando as de seda, à medida que aumenta a fortuna privada e se desenvolve o comércio. Importam-se geralmente da Inglaterra. Mais tarde, da Itália. O uso não as deprecia. Ainda assim já trazidas, alcançam em praça, com facilidade, umas de por elas deis e duas mil quinhentos reis. Umas de canhão, pardas, são vendidas por quatro mil reis em hasta pública. Estão na berra as aceneladas, cor de canela, as enxofradas, cor de enxofre na cor de linho. Existem ligas condizentes, rendadas, de tafetá, que têm as vezes covado e meio ou um metro em tamanho.

As peças essenciais do vestuário masculino nos tempos em apreço se reduzem a *roupeta*, *ferragoulle* e calção. Aberta nas ilhargas toma a roupeta o nome de saltimbura. Ferragoulle se chama, quando provida de cabedão ou zoia e capelo, ou capuz, e pode ser aberta nas ombreiras. Triunfam as tecidos mais ou menos grosseiros de algodão e de lã, com o picote da terra, o tustão, o picotinho, o brim, o burel, a bombasina, a estampanha de Castela, a seguilha, o crise ou grise, o paratudo, o portalegre a saragoga, a mescla, a palmilha a cre, a raxa, o ralete, a raxeta florentina, a raxeta de Castela, o bertanjo ou bertanjo, o merlim. De vez em quando se nos deparam uns calções pretos e prosaicos, de tripa, ou, pitorescos, uns calções pintados de couro. Outros são de Londres azul, esguilhados, abotoados e forrados. Outros ainda, pintados de pelo de camelo colorido. O pano pode ser azul cor de céu, cor de pombo, cor de lírio, cor de flor de peregrino, cor aperegado, cor de rato, verde-mar.

Vae uma ninharia o feito. Obrigados à observância dos regulamentos municipais, os alfaiates fazem preços de modicidade quase fabulosa. Paulo da Costa, por exemplo, que é o Poole da época, não exige mais de meia pataca pelo trabalho de fazer cada uma das peças do vestuário usual. Cota reis cada uma: casapuca: duzentos, uma roupeta de burel, abotoada: seiscentos, um gibão de pano de

algodão, pespontado. Apesar disso é de pasmar que o curador dos quatro filhos de Pedro Alvares Julque bastarem dez tostões, para dar-lhes de comer e vestir durante dois anos! Mais tarde, para tratar os enteados como brancos, já um padrao reclama dez mil reis. Por volta de 1650, para poder aparecer na praça como filho de fidalgo ou de quem é, um orfão recebe 128500, que emprega em vestido, aviamentos e outros artigos. A entrada do século XVIII um orfão não se satisfaz com menos de duzentos, para vestuário e mais misteres.

Claro que gente de posição e dinheiro não é com gente simples, que se considera vestida com roupeta e calções de picote. Para ouvir missa e aparecer em praça, tem, no mínimo, além do vestuário comum ou de corte, uma capa de bacia ou raxeta. Tem ainda, quando as posses lhe permitirem, um traje de cerimônia. Este, sim, custa os olhos da cara, porque exige trépidos de seda, como o tabi, o gorgorão, a feliha listada de verde ou frizada de preto, o tafetá, a tirula, o pano de prata, o erpe, o chamalote, a escarlatã, ou panos finos de linho, lá ou algodão, como a perpetuana, a bebitina, a barregana, o barbarisco, o camelo, o calasol, furtacul e outros, que a moda vai inventando e desprezando sucessivamente. Tudo enfeitado com pespessos, galões e passamanes multicores.

Um oito mil reis se estima o vestido composto de calção de tabi encourado e corpo de gibão da mesma seda e mangas de tirula negra, que caladeia nas duas noitras Francisco de Proença. Em dez, a capa e a roupeta de gorgorão, que nas festas enverga Diogo de Moura. Em dozeito, o vestido de pano azul fino, roupeta, calção e calca, de que se orgulha Rafael de Oliveira.

Nem sempre as mangas são continuadas a roupeta e gibão. Por isso mesmo se avaliam a parte, com aquelas, tão formosas, de tirula, que tem Pedro de Oliveira, as altas pretas, os baixos verdes. De lhamã, entretreída de fios dourados e prateados, são as que enfia Antonio Pedron de Barros, quando se veste severamente de preto, gibão de veludo, calções de damasco, tudo picado.

Completa as vezes o vestuário de gala uma capinha ou marlota de pano roxo guarnecida, ou então uma alameda de chamalote vermelho, arrendado, forrado de tafetá verde.

Depois de 1650 a moda masculina sofre uma transformação profunda. E' o tempo das casacas de duquesa com guita de seda, dos casacos de bacia verde, dos coletes, das cuecas. Os coletes são às vezes de enameado; outras vezes de couro, com mangas de tafetá. Há quem prefira trazer por baixo da casaca uma vestia abotoada com botões de prata.

Francisco Cubas Preto enverga nas grandes solenidades a sua casaca forrada de tafetá acamurçado, com abotoaduras de prata, cuecas de mesmo, calção forrado de bertanjo com guarnições e fitarias. Mas em elegância ninguém se compara a Matias de Oliveira. Daqui estamos a vê-lo todo pimpão, casaca forrada de tafetá, gibão de feliha, calção com ligas de fitas, a atravessar o terreiro da Matriz, à sombra de seu vistoso chapéu de sol pintado de óleo.

Complemento indispensável do traje de rigor é a espada de vestir. O adereço compreende espada, alaga, cinto e talabarte. Aquelas têm quase sempre o cabo e o punho de prata, abertos a burel. De cordovão pespontado é o cinto. O talim, franjado e rendado. Em 1710 fazem a sua aparição as bastões com encaixe de prata. De luvas enfeitadas há apenas um par.

Está visto que, ao lado da vestimenta civil ou profana, homem de prul não se encontra, que não tenha, para as procissões e festividades religiosas, a opa da Misericórdia, de tafetá cormesim, ou o balandru de outra irmandade.

Como calçado, botas de porco, de vrado, de cordovão.

A cabeça levam os homens do povo uma gualteira ou casapuca, que e um regra de picote, mas pode ser de couro de anta. Os outros se cobrem com chapéus de verda. Barão ou Segovia. Já se fazem na terra chapéus de feltro.

Ao tempo dos inventários não é chegada a São Paulo a usança de cabelerias postizas. O único exemplar que se registra é o que figura no acervo de Antonio Rodrigues do Prado.

E as modas femininas?

No espaço de cento e muitos anos, que vai dos primeiros aos últimos inventários divulgados, não parece ter-se modificado grandemente o figurino, por que se orientam na colônia vicentista as senhoras de qualidade.

Chama-se vestido de igreja o vestido de gala. Onde, com efeito, senão nas festividades religiosas, podiam as senhoras daquele tempo dar o espetáculo de sua beleza e galanteria?

Compreende a *vasquinha*, saia de roda exuberante, franzada na cintura; e, ajustado ao busto, o *curpinho*; e, por cima deste, o *gibão* ou *jubão*; e sobre o jubão o *são*, casaca rabilongo de mangas perdidas, com abertura ao nível dos cotovelos, dando passarem e liberdade aos braços; e a *corbri* tudo isso, como se tudo isso não bastasse, o manto. Com muito menos se supõem vestidas as damas da atualidade. E tem razão. Entre outros motivos, porque, parecendo obedecer à intimidade das modas peregrinas, se inspiram de fato no figurino ginecistas das filhas de Cauby e Tibéria.

Em meados do século XVIII mudam de nome algumas das peças da indumentária mulheir. Pas-

sam a chamar *stagua* à *vasquinha*, *roupetinha* ao *gibão*, e *roupão* ao *são*. E é tudo.

Mais do que no feito as flutuações do *traje* se fazem sentir no capítulo dos tecidos. A princípio não há senhora de categoria que não tenha um saio de reino de Londres, orentino, ou pomalegre. De tafetá ou setim flamengo encarnado, de holandã ou holandilha se fazem os gibões e corpinhos. Os mantos, de sarja, recamandilho, burel, burato, sarjeta do senhor. Menos apreciada, naturalmente, são a palmilha, a raxa e a raxeta florentina. Ainda menos as fazendas de algodão: picotinho, calhamaco, calequim.

Afinal, com a prosperidade, aparecem os panos finos de lã: camelo (de pelo de camelo), serafina, perpetuana, para tudo, milanese. E os de seda e, como a catalufa, as sedas triunfantes. De sedas lembramos há pouco os nomes sonoros e luminosos, que parecem refletir os esplendores do Oriente: pinhoela, melochado, tabi, tafetá da China, ressolado ou alonado, damasco, tirula, marcel, chamalote, damasquillo da Índia.

A formosura do vestido não depende somente da qualidade do tecido. Está na razão certa as passamanes e espigulhas, dos debons de veludo, dos botões de ouro e prata e colchetes de prata sobreourados, que o enriquecem.

Um grande assombro alarga os olhos de tempo os teia, quando d. Catarina de Siqueira entra na igreja do Colegio, casa de Menhor São Paulo, levando a sua *vasquinha* e o seu saio de veludo roxo e amarelo, este guarnecido de seis passamanes e aquela de quinze. Pertencem-lhe os mais formosos guijos da época: um, de tela azul, enfeitado de caraculillo de ouro sobre panta lavrada; outro, de tabi amarelo, com passamanes pretos.

Iguis sensações produz a chegada de d. Maria Bicaudo. Vale vinte mil reis o seu vestido. A *vasquinha* de setim negro, damascado, tem doze passamanes. Dois, o saio de melochado.

Anos depois é d. Catarina de Gues, mulher do capitão Valentim de Barros, que empunha o cinto da regência. Avalia-se em trinta e dois mil reis um vestido de seda pinhoela, anagosa forrada de tafetá preto, roupão e gibão. Mas em preço nenhum sobrepuja o de veludo lavrado com seis mil reis de seda, no valor de quarenta mil reis, que enleia o espólio de d. Isabel Ribeiro.

O manto de gala, também chamado de *gloria*, arreado de rendas e fitas, completa o vestuário de cerimônia.

Há, no entanto, quem lhe prefira uma *casaca* de pano de prata, *bandada* de setim lavrado, ou de setim carmesim, forrado de tafetá e arrendado de rendas pretas, ou ainda, de penas de cores com *tepe* de penas. O manto de fiote fino, antepassado horrendo das mantilhas bratas, aparece em 1729.

Nenhuma senhora rica pode dispensar o calçado de Valença, composto de chapins e botas ou sapatos vermelhos. Viterbo esclarece que botados, como são, pela juxtaposição de quatro ou mais solas de cortiça, formosamente cobertas e pontadas os chapins apresentam um covado, ou mínimo, a exatidão. Os de d. Maria da Silva, franjados de prata e forrados de veludo, Pignatelli nota e a roga em que se mantem durante todo o tempo os sapatos moirados, moirados, moirados, isto é, cor de amora. Está claro que, no lado do calçado de luxo, para a igreja, há o calçado mais simples, para casa.

Outro acessório indispensável é a cinta, ou melha de cochoitilha ou de tecido igualmente precioso.

Chapins de mulher se encontram em muitos espólios. Uns negros, com o seu véu de tafetá cor de rosa. Outros, passamanados e revestidos por fora de melochado preto. Dentre todos o mais belo é um de veludo negro, forrado de setim carmesim e rendado de prata, que pertence a d. Agostinha Rodrigues, mulher de Paschoal Leite Paes.

Há também, em abundância, toalhas de lavar de mulher encapadas, rudes de linho de algodão, toalhas de volante, toalhas de seda rica e de cor, quim modesto, umas de cores vivas, outras de azul. Tem cinquenta e quatro alfinetes de prata o *colete* de cabeça de mulher descrito num dos inventários.

Do que se fica se conclui que os vestidos dos pobres e muita a fazenda. O contrário do que se vê hoje em dia. Verdade seja que a parte se faz, só por exerceção vem direito e alvidado o fato de vestir. E' pena. Porque é então que o descoberto de as minas tras para todos a fatura e o uso deixa de ser um privilégio de excel, infiltrando-se nas classes inferiores e sobretudo entre as estradas de estimação. Para impedir escândalo tamanho a ordem regia de 20 de fevereiro de 1666 mandava as escravas "de todo esse Estado do Brasil, em nenhuma das Capitania dele, passarem usando vestido algum de seda, nem se sirvam de enfeites de ouro ou de holandã, com rendas ou em elas, para nenhum uso, nem também de guarnições de ouro os pratas nos vestidos".

Não passaram a história os nomes das vestimentas e modestas de Piratininga. Sob-se as modas a modéstia de suas pretensões. Ciera curadora, por exemplo, custa o feito de um daqueles vestidos copiosos e complicados de que falamos.

O que encarece o vestuário são os enfeites de fazenda e as varas de fita que remem. Por o motivo por em se tratando de arte recusa o curador, cada menos de vinte e quatro mil reis para lhe fazer uma *femora* para poder ouvir a, ou para um vestido de igreja, que necessita mil

LIMPEZA DA CASA — Alcântara Machado

to, por ser já mulher ou por estar desbaratada de 1904.

As jóias não há dadas que se considere superiores. A primeira, a palavra, sobretudo, tinha os pitagóricos, ou que a ingenuidade o gosto por coisas novas, e ao invés, ao amigo de Stavros e Bugalini.

Os brincos de orelha variam a infinito: esmeraldas, onixes, argolas de ouro de canelinho, pedras com suas argolas, arredadas de duas e três voltas, arredadas de ouro ou prata sobrepostas com pedras de aljóferes, cabachos e cabacinhas esmalçadas de verde, brancos de aljóferes esmalçados de prata com onze cabachos, brinco esmalçado com suas pedras. Outros de filigrana esmalçados de branco e verde com aljóferes por pingentes. Outros, ainda, pendentes de ouro com quatro pedras arredadas. Pensamentos se dizem certas argolas, por causa de sua linha extrema. A explicação de de Viterbo. Sobre-lhe em autoridade o que lhe falta em clareza.

No colo se penduram gargantilhas, afogadores, cadenas.

As gargantilhas as de mais aparato são as duas pertencentes a d. Ana de Frença, mulher de Pedro Dias Leite. Ambas, de ouro esmalçado de verde, branco e azul. Uma tem vinte, e outra vinte e quatro pedras verdes e mais uma peça grande no meio, com pedras da mesma cor. A profusão de pedras verdes traz a lembrança o nome de caçador de esmeraldas, que é, com efeito, cunhado da possuidora dessas jóias. Jóias, que, aliás, não representam grande coisa: somadas, quatorze mil e poucos réis.

Mais valem os afogadores e gargantilhas de ouro, com suas pedras brancas e pingentes de ouro e aljóferes, ou guarnições de pedras e pedras verdes, que figuram no espólio de Valentim de Barros. Ainda mais, as cadeias de ouro. Com mil réis e o alívio de uma que está marcada com um fuzil, ainda está um fio azul com a marca real; cento e quinze mil e duzentos, o de outra, de quatro voltas; cento e setenta e oito e cento e cinquenta e dois mil e quatrocentos, respectivamente, o do cordão grosso engrançado, com um crucifixo grande, e o do cordão de cadeia, com um crucifixo pequeno, arrolados no inventário do riquíssimo Matia, Rodrigues da Silva.

Das cadeias não pendem somente cruzes, luas, crucifixos. Pendem também, à maneira de beriques, esgaravateadores de ouro. Por esse nome se conhecem uns instrumentos pequeninos, de ponta curva, à imitação da unha dos pássaros, e trabalhados a primor, com figurinhas em relevo. Destinam-se prosaicamente à limpeza dos dentes. Outros, de forma um pouco diferente servem para a desobstrução dos ouvidos. Introduzidos em França por Antonio Peres (informa Cabanes), ganharam rapidamente o favor da alta sociedade, e ninguém

se anima a aparocer em público, sem trazer à mostra, num requinte de elegância, o seu palito de metal. Os inventários testemunham a aceitação que logrou essa usança galante em São Paulo de Piratininga.

Em vez de fios de pérolas e cadeias de ouro, algumas senhoras adotam gargantilhas de azeviche e voltas de coral ou de alambre. Por alambre se entende, no dizer inflamado de Rocha Pitta, "aquele ambar grão que, para aumentar as riquezas da América Lusitana lhe lança o mar por muitas partes de suas costas". Contas de ouro e de alambre, pedras de ouro chelas de ambró, gargantilhas de corais com seis folhas de ouro a modo de corações, voltas de alambre grosso com extremos de azeviche e na extrema grades corais vermelhos, ramais de valorio com extremos de corais, tudo isso aparece de vez em vez.

Nos dedos refugem anéis e memórias. Estas, singelas. Aquelas, de laçada ou revestidas de pedras pedras em ordem: brancas, verdes, roxas, vermelhas, azuis. As gêmeas são assim nomeadas pela cor e não pelo nome. Por exceção aludem dois inventários a esmeraldas e ametistas. E' mesquinho o valor que lhes atribuem os avaliadores. Estimam-se em doiscentos réis um anel de pedra azul; em mil e duzentos, um de nove pedras verdes e outra vermelha no meio; em igual quantia, um com sete pedras brancas. E' que se trata, provavelmente de turmalinas. Paga-se às vezes em anéis e outras jóias com muitas pedras de cristal.

No chapéu cintilam por vezes laçadas de filigrana ou rosas de filigrana com aljóferes por cima. Nos chapéus fuzilam chapas de prata.

Ajudam-se alguns a uns aljóferes de trazer em braços, com seus extremos de ouro e de ramais de corais de três fios cada um, de braço, da mulher.

Se as pulseiras são raras, os rosários aparecem com frequência. Constituem eles o complemento indispensável do vestuário feminino de grande gala. E se na igreja que a mulher tem ocasião de fazer-se e de mostrar-se bela. De modo que o rosário faz naquele tempo às vezes do peti-se de nossa dias. Assim, aquela de corais, com extremos e cruces de ouro, e aquele outro engrançado de prata, com verônica do mesmo, de que se guarda notícia.

Os homens dão mostras de igual predileção pelos ornatos de metal preciosos. Para seu uso se fazem, de prata, fivelas de cinto, fivelas de sapatos, botões lisos de vitrola, tachetas em feito de coração com seus hocs. De prata e de prata se adornam as armas do fado. De prata é a lança ou cinta que arvorava Bento Pires Ribeiro, com insígnia de seu posto de capitão.

No tocante à limpeza da casa há um abismo entre os inventários, mais remotos e os mais recentes.

E' com mal contida admiração que os avalia-

dores dos primeiros descrevem as toalhas toalhas das franjas, as de linho feitas em Portugal, as de sobremesa de algodão com seus cadilhos à roda, as de mesa com três rendas pelo meio ou suas cadilhos à roda; os guardanapos de Flandres; as toalhas de água as mãos com seus abrolhos e suas rendas de azul e branco; os lençóis de Holanda, de franjas; as camisas de travesseiro ou de meio travesseiro e as fronhas de cabeçal de pano de linho, com sua rede por bocal e ilharga lavrada; as colchas bordadas de vermelho e as franjas vermelhas e macanetas ou borlas do mesmo e o meio verde-mar de setim da Índia; os cobertores de papa ou já felpuda, ou de pano azul de três côvados bem medidos, ou de pano verde com guarnição em redor de veludo verde e seus frecos; os pavilhões de tafetia, canequim, com suas franjas de linho e seu capelo, e as cortinas de cama, que são cinco peças, com seu sobrecô de pano de algodão; os travesseiros de canequim, com suas rendas pelas ilhargas e abrolhos.

Que diriam eles, se transportados ao tempo em que vivem Domingos Jorge Velho, Valentim de Barros, Pedro Dias Leite, Bento P. Ribeiro?

E' na banheira e nas alfaias de cama e mesa que a gente apotentada faz timbre em ostentar a sua opulência.

Tudo em profusão. Tudo alaviado de rendas, franjas e crivos. Tudo de tecido fino.

Multiplicam-se as toalhas de mesa e sobremesas. Estas, em três panos lavrados ao redor, tendo à roda, pelas ilhargas, extremos e pontos de renda, e abrolhos à cabeça. Aquelas, com dois e mais pegamentos, com suas rendas e desfiados e abrolhos ao redor e pelo meio. Outras, com quatro rendas ao comprido, rendas e franjas ao redor, a sobremesa com uma ponta de renda e a guarda-mesa guardada de borafunda.

De britânia, com rendas de tramoia, as toalhas de rosto. Os lençóis, de linho com seus desfiados e rendas ao redor e pelo meio. Lavrados com seus crivos, os guarda-camas e as fronhas. Azues, com passamanes de ouro, os apertadores de cama. De chamalote e serafina as colchas de sobremesa, para não destoarem dos cobertores de cochoilha vermelha, ou serafina amarela, com rendas de cor e bordados de tafetia amarelo, de seda com franja de ouro.

Em meio de tantas cousas desalumbantes avulta a ausência de certas cousas pequeninas.

Os lenços, por exemplo. Não passam, os arrolados, de vinte, distribuídos entre onze pessoas. E' que naquele tempo só a gente educada limpava o nariz... na manga do vestido. E, quando se vulgarizou o uso do lenço, mandava o bom tom que ele não entrasse em atividade, senão depois de terem o indicador e o polegar desempenhado a parte mais considerável da tarefa.

(Vida e morte do Babeliniano)

PERFIL DE JOAO RIBEIRO — Alcântara Machado S E -- (De Rudyard Kipling)

(Tradução de ALCANTARA MACHADO)

A esse homem dotado matematicamente pela natureza de traços regulares, olhos magnéticos de domador de feras e multidões, máscara dos grandes emotivos, nervosa e frenética; a esse diplomata obrigado por dever de ofício à galanteria no trato, flutuação nas menezas, apuro no triar; consciência ancorada solidamente no porto seguro do sobrio; coração vibrante de sensibilidade, limpo de fel, incooperado a malícia; engenho menos poderoso do que delicado e cultura mais rutilante do que orofunda, sucede entre nós João Ribeiro.

Se não fosse o receio de infringir a máxima proibitiva do emprego de palavras maiores do que as coisas, diria que ele constitua a avesso ou a antítese de quem o precedeu.

Estamos a vê-lo, com aquele ar muito seu de caboclo ensimesmado e aquela impressionante parelha com certas effigies populares de Sarmiento. Breveiro de compleição, fisionomia esguada. Olhar emboscado por trás das pálpebras solavantadas e espessas. Lábios carnudos, em que, de quando em quando, se desenha um sorriso equivoco. Gestos cuidadosos de preguiça. Não enuncia, como tanto lhe aprobeira, e a muito bem com o rosto e o hábito dos "rados", auge, e folgado; mas a vestimenta se limita a desempenhar com eficiência manifestada a qualquer momento oficial de modo a nudez. Livros, folhetos, jornais, arquivam-se os bolsos de seu paletó, ameaçando-lhes a fúria de um lago lá, travando a intervenção

de mãos cuidadosas. Mãos de esposa ou de filha, certamente.

Sob a modorra, o desalinho, a semelhança aparentes há em constante vibração um espírito luminoso e travesso, maravilhoso de graça, penetração e agilidade. A tapera é o esconderijo de Ariel. João Ribeiro anda fantasiado de fulano de tal.

Quantas vezes se há dito e redito que ele se conservou até ao fim as graças da juventude! Conservou-as, acrescentando-lhes, todavia, as forças da natureza. A sua mocidade vitalícia é como a dos troncos seculares, sempre iguais e sempre diversos, que periodicamente se desvestem das folhas caducantes e dos galhos mortos, e tornam a enfolhar-se e florescer, integrados no ritmo da vida. Vem daí o prestígio singular da obra que deixou. Encantados a todos, antigos e modernos, porque realça o milagre de fundir o que na antiguidade existe de seculento e a atualidade encerra de saboroso.

Dos velhos, dos que foram longamente humilhados e traídos pelo destino, dos que perderam aos tassalhos, em amputações brutais, o melhor de si mesmos, tem a melancolia surda e manente, o desengano sem alameda, a desoladora conformidade com a fraqueza alheia e as injustiças da fortuna, que compõem a verdadeira sabedoria.

Dos moços, o desapeço aos bens pessoais, a reação instintiva contra as afirmações dogmáticas, a fuga do insólito, a vertigem das idéias e nos seus olhos, a veracidade, a seriedade. Contudo, a ausência de qualquer coisa da imagem da infância.

lância "A vitória da instabilidade", reza a epigrafe de um retrato literário. Serviria para o perfil de João Ribeiro.

Das inconseqüências em que resvala não se vexa porque todas as verdades se lhe afiguram contingentes e transitórias. Começa por atacar as novas correntes literárias: acaba na compreensão ou, pelo menos, na tolerância. Abalado em estudos de linguística, faz-se o mais autorizado e querido dos gramsciológicos; o que não o inibe de insultar a gramática, chamando-lhe "o egoísmo que recolhe a atarabilis e as revoltas dos desequilíbrios mentais". Sentem-se morrer de vagarosa asfixia no ambiente da pátria; e, avaro do ensejo de socorrer "a fome de Europa", que o tortura, salteiam-no impetos de voltar ao caminho. Acolhe com hostilidade o regime republicano, triunfo insolente da civilização muçulmana; mas acompanha Lúcio de Mendonça em romances Jacobinos e termina simpaticamente do comunismo russo. Versa amorosamente os escritos de Vieira, Bernardes, Fr. Luis de Souza, divulgando-os, e o que é mais, imitando-lhes com discernimento as locuções. Felicita-se, entretanto, por vultos defuntos enterrados na indiferença pública; e lindamente aclama no povo brasileiro o maior dos clássicos. Na intimidade mete a ridiculidade a Academia, não desejada a princípio como consagração a qualquer outra corporação, mas como decisivo de que não ali se summa, vestíbulo supérfluo, com um tanto fúnebre, da verdade final.

Em suas intradições, com habilidade, (Continua no pág. 100).

Se puderes guardar o sangue frio diante de quem, fora de si, acuar-te; e tu instantaneamente de teu animo e firmeza tu quizeses contar na própria fortaleza, lembrando em confundir a desconfiança alheia.

Se tu puderes não odiar a quem te odeia, nem pagar com a calúnia a quem te calunia, sem que tires daí motivos de afania; se, sem permitir que o sonho te domine; se, sem que em pensar tua ambição se confina, e esperar sempre e sempre, infaticavelmente...

Se, com o mesmo sereno olhar indiferente, puderes encarar a Derrota e a Vitória, como embustes que são, da fortuna ilusória; e raiar o suportar que intrigas e mentiras deturpem a palavra honesta que profita...

Se puderes, ao ver em pedaços, destruída pela sorte maldosa, a obra de tua vida, tomar de novo a ferramenta desgastada e, sem queixumes vãos, recomençar do nada...

Se, tendo loucamente arriscado e perdido tudo quanto és teu, num só lance atrevido, tu puderes tornar a fazer a linha dura, sem aludir jamais à sinistra aventura...

Se tu puderes, coração, músculos, nervos, reduzir da vontade a condição de servos, que, embora exaustos, lhe obedecem ao comando.

Se, andando a par dos reis e com os grandes lutando, puderes conservar a naturalidade, e no meio da turba a personalidade; impávido, afrontar adulações, engodos, opressões; merecer a confiança de todos, sem que possa contar, todavia, consigo incondicionalmente o teu maior amigo...

Se de cada minuto o sentença segundo tu puderes lutar com o teu suor fecundo...

a terra será tua e o homem que se não somem, e, o que é melhor, não filho, então será UM HOMEM!

Gonçalves de Magalhães -- Por JORGE DE LIMA

Perfil de João Ribeiro -- (Continuação da página 107)

na religião que Guardini achou
seu e desistiu do mundo
No Brasil a confusão era maior.
Da tribuna sacra, Januário
Barbosa, S. Carlos Sampaio, e o
dissonante Mont'Alverne in-
terrompiam as preleções sobre
o satanismo incipiente, as exor-
tações da pátria recentemente
deserdada de Portugal: do mundo
que a religião surgia a mente
mascada de ressentimentos na-
cionalistas e de outras elvas que
as crises nacionais graves provo-
cavam nos espíritos retóricos e or-
bitantes. Se o romantismo de Ma-
galhães se tivesse conservado na
manifestação dentro das inten-
ções do poeta, teria sido dado o
maior poeta do Brasil.

Ele queria que a poesia "molesse
do continuo ao Senhor", cum-
prisse-lhe "vibrar as cordas eternas
de Santo, do Justo e do Belo".
A inspiração poética dos "Suspi-
ros e Saudades", por onde comen-
çou a sua pretendida renovação
literária, foi buscar inspiração
nas fontes mais altas que a poe-
sia pode conceder a um poeta: a
reflexão sobre o destino dos im-
périos, a Natureza em suas mais
grandiosas "representações, o ter-
mor diante do infinito e da eter-
nidade de Deus, as profundas
meditações sobre a sorte da pá-
tria muitas vezes distante, a
grandezza do cristianismo, os lu-
zores sugestivos como as cata-
cumbas e as ruínas, tudo se en-
carnou em temas que vale de-
veria urdir na sutil trama do
poema. De-nos a impressão do
livreiro que só pudesse brandir
nimas com espadas e viciadas de
vibrante.

A idealização e o fracasso. As
suas planas poéticas e a qual
completa falência de sua renova-
ção literária, o descalço entre a
vida do poeta e as suas in-
júrias, detalhes preciosos de bio-
grafia, a graça com que nos conta
os episódios mais interessan-
tes de sua existência, o ridículo
frequente de sua poética, e tam-
bém o justo merito de muitos de
seus versos, é o que conseguiu nos
contar o senhor Alcântara Ma-
chado em seu livro — "Gonçal-
ves de Magalhães ou o roman-
teiro arrependido". Os documen-
tos sobre a sua poética, os seus
prefácios, cartas e amigos, ex-
certos vários sobre as suas in-
tuições literárias são inúmeros
(os nossos arquivos, o que não
há só informações precisas do
poeta e homem. Pois bem, o livro
que Alcântara Machado escreveu
sobre Magalhães, nos dá a im-
pressão de que um filho do poeta
tivesse contado as minúcias da
vida do pai ao autor do excelente
ensaio. O estudo é obra de quem
honestamente examinou e recha-
çou tudo o que o poeta es-
creveu e escreveu sobre o poeta.
A argúcia do crítico retira
da copiosa obra do romantismo ar-
rependido, os fatos mais surpre-
dentes de sua vida. Entretanto,
a poesia do ilustre romântico
apesar da intenção de elevá-la,
manifestada pelo vate, andava
num nível tão baixo que a maio-
ria dos fatos banalíssimos da
existência do poeta lá estão em
suas obras contados em verso. Ma-
galhães era homem que ao ter-
çar anos versava: "Agora, cin-
te e dois hoje completo". Estes
versos tendo sido escritos em
1833 dão-nos o dia exato do na-
ascimento do poeta. De um sim-
ples verso sem nenhum valor lá
"Confederação dos Tamoios".
Niterói! Niterói! como os tam-
bores", o senhor Alcântara Ma-
chado descobre justamente que
o vate não nasceu na vizinha ci-
dade do outro lado da Guanabara,
mas que Niterói se conhe-
cia toda a bela fahosa "como
um profundo lago salpicado de
graciosas ilhas".

E ao terminar a leitura desta
biografia e crítica do nosso pri-
meiro romântico a maioria dos
leitores que há lido Magalhães
fica surpresa de terem os olhos
do ensaísta, descoberto tanta
ruiosa de autobiográfico no senti-
do cronológico (além a coisa mais
chata da auto-biografia). O se-
nhor Alcântara Machado para o
completo estudo do romantismo,

então todas as informações que
existem espalhadas nas suas re-
visões. E devido a este caráter se-
parativo na poesia de Gonçalves
de Magalhães que a infor-
mativa, ficou-se sabendo que a
alma em transição que o pai era
particular, os irmãos ternos, a
infância deserta, ficou-se sabendo
de seus estudos de medicina,
da família do Debrê, das vi-
agens, das cidades que conheceu,
"a senhora Castellan" e outras
senhoras sem importância, um
nome falso, e até de um aliena-
ção meio romântico de que
só ficou depois de ter visitado
e de ter feito visitas no Colégio
"Três de junho" armados, na-
gros vultos.

Como da terra erguidos nos n-
vestem
Magalhães pós na poesia, não
só as coisas de sua terra (os pri-
meiros que tiveram tal sen-
sibilidade), mas as coisas da terra
estranha, não só os seus paren-
tes mas os seus amigos.

É o homem que versava com ex-
cessivo carinho para todos os
seus amigos do peito, a Luiz Je-
luma e Silva "E tu ó Lima que
meus versos prezas!" e a Araújo
Porto Alegre:

"O meu caro Arnau, inda um
labraço,
concede ainda um abraço ao teu
lunático.

Pela última vez... aperta
lápeta...".

E a Sales Torres Homem:

"Sabes como que pezar te deixo
ó
Companheiro de infância".

Despede-se em verso, a 21 de
junho de 1836, de uma vaga lu-
mília Lisboa (pág. 36), descreve
em versos — modas de cabelos,
sutiliza os seus colegas de medi-
cina, ataca os almeidinhos da
época que então se chamavam —
"lunetistas".

Esses homens que presava a
poesia com todo o seu ardor de
romântico, submeteu-a as mais
duras experiências domésticas,
como certos apaixonados trans-
formam as suas bem-amadas
em boas cozinheiras e lavadeiras
para uso próprio. Não estava nisso o único
contraste da vida de Magalhães,
achava que "um vate era mais
que um rei", capaz de desdenhar
de todos os magnatas do mundo,
e celebra apenas disso, a coroa-
ção de Pedro II com estes ver-
sos:

"Es-te enfim, Anjo nosso, sou-
isando
O Cetro de ouro...".

O homem que começa a vida
provida da amizade e dos favores
dos potentados de seu tempo, e
termina com o título de Viscon-
de de Araxuá, é o mais vivo
demonstração das declarações de sua
musa. O livro do Sr. Alcântara
Machado ainda nos faz conhe-
cer dois fatos desconcertantes da
vida de Magalhães: João Caetano
foi o criador e intérprete de
seu "Antônio José"; poeta e
ator eram bons camaradas, mas
quando este necessita do apoio
do amigo, na Câmara, contra a
injustiça que lhe causara o Se-
nado, suprimindo a subvenção
que lhe queriam conceder, Ma-
galhães que era proeminente
membro da casa, cruza os braços
indiferente. A outra: quando o
Visconde de Araxuá apresenta
credenciais a Pio IX, o capuchin-
ho D. Frei Vital cumpre sua-
tro anos de pena, na Fortaleza
de São João. Nada sabemos de
qualquer intercessão junto a seu
grande amigo o Imperador a fa-
vor do bispo, nem junto a An-
tonelli, contra as chibanas de Pi-
nédi. E Domingos José de Ma-
galhães era o poeta da justiça,
defensor confesso dos oprimidos
e romântico do Justo, do Santo
e do Direito! E era discípulo do
Mont'Alverne que lhe deveria ter
deixado no espírito um bom te-
mor religioso capaz de ser mais
tarde piedade pelo maritir — per-
seguido debaixo do mesmo há-
bito de capuchinho.
Por volta de 1836 renega La-
marine e Chateaubriand: tor-
na-se romântico arrependido.
Morre com perdo de selenia nove

(Continuação da pág. 107).
não em louvor na validade in-
tellectual e sentimental do mes-
e do poder que tinha de se re-
novar incessantemente, residem a
sua modernidade e o seu enan-
to. A sua modernidade, se por
essa palavra se nomeia, consis-
te na definição de Paul Valéry,
a livre cosmética em um es-
pírito culto, das coisas, dos as-
setmas, das tendências mais dis-
tantes. O seu encanto: segui-lo
e desprezar a linha reta, caminho
complanado e culto, mas insólito,
é envolver por estrada cole-
ante e caprichosa, errada de di-
furações e cotovelos, que vai "a-
zendo e desfazendo encontros, im-
provando perspectivas, e ren-
do precipícios. A gente ar-
riscar-se a perder o folego e a
própria salvação eterna. Mas
não se abate nunca.

Ninguém se enfia na compa-
nhia de homens assim, doente de
curiosidade, guloso de experiên-
cias, cuja única e única poeira — o
conceito de Lésart — a volúpia
suprema não está na posse, mas
na pesquisa da verdade. Ou o
fiche de "Anacleto", de Pierre
Louys: mais doce do que a con-
quiza e a esperança, e mais doce
do que esta é a verdade.

Pela curiosidade arrojada, ex-
celsa quase todas as províncias
da arte. Luminosa de música,
tema seguir a escultura. E a
pintura que o seduz por último.
Não há, de outra parte, gênero
literário por que se não apaixonou.
Com exercício da eloquência,
tem-lhe verdadeira fobia. A tal
ponto que as vezes lhe acontece
extremunhar, suando frio, esga-
nhar por este pesadelo horripo-
lante: sonha-se alto de tremu-
na manifestação de apreço, anti-
gaga a discursos torrenciais.

Como de praxe e de bra — um
puncho que impressa na literatura.
Vítima do anáclito reinante, se-
vanta aos deuses e semi-deuses
da Grécia, um templo, que de-
clara "falso de sangue", de seu
trigueiro náutico torrestino. E
a mesma aspiração de Albert Ba-
mann "ce reve... de háir na a-
leil um templo ionien". O re-
sultado não podia ser outro: alguns
sonetos puramente cerebrais, da
ajidez e rapidez do mamore pen-
sêlo. João Ribeiro não vacila:
seguinte — "O silêncio eterno
das coisas mortas. Porque sabe
que a "poesia é sonho e emoção";
e diz-lhe a consciência que não
pertence ao número dos que se
comovem com facilidade e des-
sem em mostrar-se comovido.
Eis, precisamente, a única "en-
trada, que me atrevo a fazer a
uma produção tão grande na
abundância, na variedade e na
perfeição formal. Nada lhe falta,
senão o calor da terra hu-
mana, o rugido das paixões hu-
manas, a fraqueza humana das
ligerias.

Se o poeta não lucrava sensível-
mente em se embrenhar pela au-
tuidade preta em busca de Vi-
nus Mirónima e de ninfas es-
quivas, muito ganhou o prosaico
com a viagem, que em espírito
empreendeu à terra natal da ra-
ão soberana e da beleza pura.
Na contemplação de Pálas Aten-
eia aprendeu o aticismo.

Assim educado, colocou-se na
primeira linha dos escritores
contemporâneos. Pela nitidez da
inteligência. Pela erudição mul-
tiforme. Pela linguagem clara e
intermitente, iluminada com as
virtudes cardiais do estilo. A
frase tem a forma e o colorido
naturais da ideia. A palavra está
sintonizada com o pensamento.
Quantas riquezas o sábio po-
lografo arripagou incorporou ao
nosso patrimônio espiritual!

Reconduziu-nos com a gramá-
tica, transformando a megera em
dama conversável.

Renovou a historiografia na-
cional, com a fixação dos tipos
em Roma a 10 de julho de 1882.
E é pena que não morresse en-
tão para que melhores arre-
pendimentos nos deixasse, o se-
ter feito versos sem poesia, por
exemplo.



Um desenho de Vida e Morte do
Rondelet (Segundo Debrê).
Armas de algodão ocidentais.

fundamental da população, com
o renque atribuído à ação dos
atores econômicos, e ainda com o
entendimento, que revelou, de
quanto influíu em nossa forma-
ção a existência de forças auto-
nomas de civilização e cultura.
Imprimiu rumo científico aos
estudos de folclore, esclarecendo
a luz da etnografia e da his-
tória, e mostrando as correspon-
dências inesperadas entre as par-
lências infantis, as superstições,
as parábolas, as fábulas, que cor-
rem por aí, e outras muito dis-
tantes no tempo e no espaço.

Por, como bem acentua Ma-
leão, o jornalismo de ideias, o
jornalismo que se compraz na
criação livre da beleza e na di-
vulgação das últimas aquisições
do espírito humano.

Desarmou da fúria magistral
a crítica indígena. Inimigo ne-
cessal dos dogmas, respeito da
liberdade alheia, porque cioso ta-
l a cidade própria, conquistada à
custa de muitas decepções e re-
nuncias, nunca se arvorou em
diretor enérgico da consciência
estética do próximo. Simou-se
invariavelmente na atitude de re-
spectador complacente e desaba-
sado do mundo das letras. Se
lhe agradava o espetáculo, batia
palmas, com uma discreção que
as valorizava. No caso contrário
dormia a sono sóto, o que não
o impedia de cumprimentar at-
tional o autor da peça com uma das
muitas fórmulas ambíguas de
cortesia, que servem indiferente-
mente par adar parabens ou ex-
primir condolências.

Em apólogos e contos, de an-
gagem semelhante à de Manuel
Bernardes em a Nova Floresta,
intenção igual à de Anatole, no
Estudo de nácar vacou toda a fi-
losofia desencantada e toda a
ironia suil de um céptico bem
humorado. A sensualidade tam-
bém. De suas composições, adu-
badas, por vezes "das pientes
especialias levantinas", a que
alude Camilo, poder-se-á dizer,
como Horácio de certos episódios
de mitologia, que ensinam a pe-
car.

Dentre os que se detiveram na
admiração dessa figura com-
plexa de erudito e de artista, fecun-
da em aspectos imprevistos e
evoluções atrevidas, houve quem
recordasse Voltaire, Montaigne,
Pascal. Atoento à maldade, não
consentia ele na prova terri-
vel que é a aproximação de culmi-
nâncias tamanhas. Confessava
apenas quanto se lhe entranhara
no pensamento o veneno delirio-
so de Ernesto Renan. Renaniza-
no, o estilo maneiro e leve, com
a sua harmonia insinuante e a
sua elegância feita de clareza e
sobriedade. Renaniana, a dilu-
ção pelos estudos linguísticos e
históricos, promovidos a ins-
trumentos de precisão para o co-
nhecimento dos fatos do espírito
e chamados a usurpar o papel da
filosofia na definição do sentido
último da existência. E ainda a
poética puramente sentimental
de piedade sem fé e incredulida-
de benevolente em face de todas as

religiões, consideradas a um
tempo, falsas e verdadeiras, por-
que satisfazem momentanea-
mente a necessidade implacável, que
sentimos, de encerrar as coisas
sub specie aeternitatis, e encor-
rar a fome, que nos devora, de
imortalidade. E, enfim, a cristia-
nismo sub-consciente não se re-
traiu, a obsessão de Cícero, do
neste interm, a paixão desse
atrau por tudo quanto fala de Jesus
e de seus confesores, o que au-
toriza Plínio Barreto a dizer que
ele se consumiu em rondar a
Casa do Senhor, atizado pela
formosa do culto, mas sem a
coragem de entrar no santuário.
Bô no derradeiro instante se re-
deciou a faste-lo. É memória do
quarto rei mago da Floresta de
Exemplos, pode murmurar, "com
a voz sumida e todavia alegre:
"eu O vi".

O mestre conservou até ao fim
a convicção de que a vida é boa
como um fruto gostoso. Da mes-
ma certeza, ou da mesma ilusão,
participava o discípulo, que, che-
gado ao termo da longa e corral
entrevista com o planeta, decia-
va levar saudades, sem saber se
as deixaria.

(Discursos Acadêmicos). O REGRESSO DOS MAGOS

(Continuação da pág. 104)
terra como desaparecem. Aflu-
entados pelo esplendor do sol,
as aves noturnas. Ninguém mais
terá a coragem de pecar contra
a luz. Em troca do incenso que
me deste, leva contigo a Verdade,
e reparte-a com todos os
mortais".

Cheio-se Melehor. Foi então
que, magnífico de autoridade e
força, pelo curta pelo vento
do deserto, barba negra e im-
petuosa, Baltazar levantou a voz
poética:

— Entendestes a linguagem
de vossos labírios sorridentes, quan-
do, de joelhos, belando o chão,
eu lhe proclamei a república, ofe-
recendo-lhe o ouro mais pre-
cioso e mais raro: fides tribu-
to agradável a um rei? Disse-
me agure sorriso: "Eu traço,
mandada por Men Pá a Jus-
ticia, Morreu, no instante em
que nacei, a iniquidade. Não
deixes se verá uma criatura
perniciosa, espelhada, torturada
por outra, sua irmã. Não mais
a letra vencerá o espírito. Não
mais a última virá do fundo de
sua desgracia o algo transpa-
rente no poder e na consciência.
Em retribuição do ouro que me des-
te, leva contigo a Justiça, e
fa-la reinar sobre o mundo".

Gaspar, apodado de "olhos
brancos", falou então mansa-
mente:
— Sabéis o que me disseram
as suas maldades, quando, ge-
nuflexo, eu lhe conquisei a mi-
rra, confessando-lhe o start-
a humanidade? Disse-me car-
noso aquele gesto: "Eu traço,
enviada pelo Altíssimo a Con-
córdia. Basta de carnificinas e
de saques, de incêndios e de
abominações. A terra tem sede,
não do sangue dos guerreiros e
do pranto das viúvas e dos or-
fãos, mas do suor dos lavrado-
res. Os tempos são chegados em
que os filhos de Abel vão de-
sarmar pela doçura os filhos
de Caim. Em paga da mirra que
me deste, leva contigo a Paz,
e instaure o seu império entre
os homens."

Depois, levando cada um de-
les o seu depósito, partiram os
três Magos. Era longa e difícil
a jornada. Tão áspera e tama-
nha que, tendo eles partido há
dois mil anos, não chegaram
até hoje ao seu destino.

Algumas cartas a Mario Guastini - Alcantara Machado

I

-13 IV 18 (Caxambú) — Guastini. Recem-sarado de uma gripe formidável e prosaica a mais não ser apressado-me em responder à sua última carta. Aos telegramas dei desde logo a devida resposta. Telegrafei ao Alvaro e ao Lacerda, pedindo para o Vitorino o lugar que o Chasão vai deixar. Do Alvaro recebi há poucos momentos um despacho nestes termos: — "Pedido feito". Diga ao Veloso que por seu turno se entenda com o Altino.

Por uma ironia singular (o Acaço é o mais malicioso dos Deuses), sua carta, em que me pinta a dançar coisas complicadas nos balões da estação, me encontrou com as pobres pernas envolvidas num couve-pedra peludo a lembrar aquele famoso cobretudo do João da Ega... R, ao lado, ao alcançarmos das mãos tritantes, uma bateria de drogas sudoríficas... E aí está como se escreve a História! De histórias anda cheia a História. Não atiro, portanto, as flexas de seu carna contra o sr. Freitas (1). Lembra-se de que a verdade é, em tudo, uma simples aproximação. O homem soube com certeza, por ouvir dizer, que com um osso roído, outros têm alcançado reconstituir animais pre-históricos e quer aplicar o mesmo método ao Padre Felício... Quem sabe se lhe aproveitaria, para esse efeito, a placa da rua paulistana mal afamada (2) que tem o nome do Regente. Adeus. Um saudoso abraço do — ALCANTARA.

II

"24. outubro, 1925 — Meu caro Guastini — Mil e um pequenos embaraços têm-me privado de lhe pessoalmente, como de meu dever e o meu desejo levar-lhe um abraço de muita gratidão, pelo que disse a mim no dia 19. Não me tivesse a vida ensinado a conhecer-me e eu teria estourado de orgulho... Mas não se frequente impunemente, durante 50 anos, uma escola, que alguma coisa não se aprenda. A vida é uma grande professora de humildade. — V. foi injusto. Mas foi bom. E sua bondade encheu ainda uma vez de gratidão o coração já transbordante do muito seu — ALCANTARA MACHADO".

III

"5 IX 26 — Guastini. Muito obrigado pelo serviço que me prestou e pelo telegrama que me trouxe a boa notícia. Tudo vai correndo a contento: saúde, tranquilidade, fim de verão delicioso como o inverno carioca. — Esqueceu-se de mandar-me o "Jornal"? Aqui somente se encontra o "Estado" a 37.50 o exemplar (1). Escreva-me longamente, minuciosamente. Para um paulista exilado as coisas mais insignificantes, as notícias mais banais do que se passa em S. Paulo (e em S. Paulo somente se passam coisas pequeninas) têm calor e interesse. Um grande abraço em que resumo as saudades de todos nós. — ALCANTARA".

IV

"Paris, 9 de agosto, 1926 — Meu caro Guastini. Aqui estou, desde sábado, depois de uma ótima travessia: — tempo magnífico, bons companheiros, um mar escandaloso, a lembrar o tanque da Praça da República — aquele mesmo em que as nossas admiráveis administrações municipais colocaram pe-

dras de cimento, por não haver granito no mercado.

Paris, infeccionado de ingleses, americanos, cheques, brasileiros, todas as pragas itinerantes. As mulheres feias do mundo inteiro se reúnem aqui neste verão. Resultado: — hotéis cheios, explorados, por Voleur & Cie. Estou pessimamente instalado. Mas será por poucos dias. Pretendo seguir em breve para Manheim (junto a Frankfurt) onde quero me fazer uma revisão geral no organismo e ponham em ordem o motor, já que para a carroserie não há conserto aos 50 anos.

Nenhuma notícia daí. Nenhuma carta. Nenhum jornal. A propósito: — não se esqueça do seu.

Quero que junte dois favores aos tantos que já lhe devo. Primeiro: — escrever-me longamente, informando-me sobre a saúde do meu Antônio. Sei que você o tem debaixo de sua vigilância afetuosa. Segundo: — obter do Felix Pacheco um passaporte diplomático para mim. Julgarei que esse documento não tivesse valor. Mas estou agora convencido do contrário. E espero de sua influência junto aos altos poderes que me obtenha.

Adeus. Recomende-me a exma. família. Um grande, um afetuoso abraço do — muito seu — ALCANTARA MACHADO".

V

"Paris, 28 Set. 1926 — Guastini. Esquecendo-se a custo por entre os sobrados que nesta rua tranquila me fecham o horizonte, um ralo de sol, de um morno e desbotado sol outonico, marcara ontem pela manhã, o canto da mesa em que a criada havia posto com os jornais matutinos duas cortas recém-chegadas. Uma, de Antônio. Outra sua. Eram como aquele ralo de sol, vindas de muito longe, uma réstia de luz, uma onda de calor. Obrigada, pelo bem que me fez, crendo-me. Obrigada, por sua intervenção junto ao Ministério das Relações Exteriores. — E finalmente, obrigada pela assistência moral que vem prestando a Antônio. — Não o abandone Deus lhe pague, na felicidade de seus filhos, o carinho com que velou pelo meu. — E conto para isso com a sua amizade velha e provada.

Como vê ainda não sai de Paris. É que o verão saboroso deste ano, a tranquilidade e a liberdade que me dá este apartamento a dois passos da avenida do Bois (3), cheia de sombra e de verdura, onde Teresa (4) passa os dias, e a cem metros do Arco do Triunfo com a sua perspectiva incomparável — a fauna em que vivo a correr os ateliês de móveis, de vitrais (5), de porcelanas, de cerâmica, de serralheria artística, de prataria, em contato com as maravilhas da decoração moderna, — o horror que aos cinquenta anos a gente começa a experimentar pela vida de hotel e pelas estradas de ferro (especialmente pelas francesas tão parecidas com a Central do Brasil na imundície, nos atrasos e nos acidentes), tudo isso me dá uma preguiça imensa de viajar. Viajar para quê? Já vi a Holanda na primavera, a Suíça e a Itália no outono, e o Brasil em todas as estações do ano. Em matéria de paisagem, é quanto basta. Novas gentes, novas costumes?

Mas tudo isso tenho à mão em Paris. Há dias, tive como vizinha de mesa no Jantar das Ambassadeurs, uma princesinha da Índia vestida à moda de seu país, que entre a sopa e o peixe, o assado e os entremets, a sobremesa e o café, dançava o charleston intrepidamente com o marido, este de smoking e sapatos de verniz impecáveis. Em San Sebastian vi uma aldeia africana transportada, com todo o seu budum, das florestas do Congo para a mais elegante das praias do sudoeste. Negros e negras de Barbados, egípcios, tunisianos, australianos, malgaches e também (infelizmente) argentinos e ainda (desgraçadamente!) brasileiros acotovelam-se nos boulevards e dançam no Florida, no Palermo e outros cabarets da moda. Viajar para quê? Paris resume o globo. O globo e todo ele uma pastiche de Paris.

Pretendia ir a Manheim. Enfiáram-me com o que me contaram o Procópio de Carvalho e o Horácio Espindola. Mas Manheim é uma estação para cardíacos. E ainda ontem verifiquei que é boa a minha pressão arterial. Agora que, findas as férias, as notabilidades voltam a Paris, vou tratar de ouvir-las. E só depois disso tomarei uma resolução. Porque afinal (agora é que dei acôrdo da minha irreflexão) tem o Procópio nem o Espindola me examinaram.

O que me conta das lutas e incidentes políticos do Estado e da Capital não me surpreende, nem me escandaliza. Com mais talento é o que se vê por aqui. A opinião corrente e que o Gabinete Poincaré, que acaba de salvar da bancarrota o país, não resistirá à oposição criada pelos interesses de rompanário contrariados pela supressão de sub-prefeituras decorativas e prisões e tribunais tão movimentados como os de Saragat e Xiririca. E ninguém sabe o que virá depois.

Curiosíssimo o estado de alma dos franceses. A xenofobia chinesa é mais brutal. Mas a gaulesa é mais irritante, por ser mais estúpida. Estúpida em suas manifestações sempre as mesmas: — não há revista, nem cançoneta do dia, em que o americano não seja vilipendiado, com aplausos frenéticos da multidão e olhares de desafio contra os espectadores vizinhos, nascidos em outras plagas. Estupidiíssimo no fundo: porque ainda é o ouro americano do norte e do sul que traz um pouco de oxigênio a este organismo empobrecido pelas guerras de conquista na Ásia e na África e pela inflação pela inflação tamanha que dá saudades do... e do... E tanto assim que, enquanto a boca despeja desaforos contra o homem do dólar e do peso a mão se estende, suplicante, para o pourboire. O que da nojo é que um povo assim, que vai buscar fora de suas locuras imperialistas e de sua imprevidência a causa dos males que padece, e atribue a sua desgraça atual aos americanos e ingleses que o salvaram da decadência, é o mesmo povo que adota com entusiasmo os costumes, as danças, a arte (?) da negritude de Nova York e dos vaqueiros do Oeste, e faz em inglês os menus dos restaurantes chics e os disticos dos filmes exibidos nos cinemas do boulevard e as notícias do jornal lido no banco da Praça da Opera. Ainda há poucos dias, a revista "L'Espresso" me deu uma visão bem nítida da

que é a alma de Paris nos tempos que correm. Do teto, vai descendo lentamente sobre a platéia, enquanto os cobres da orquestra berram coisas selvagens, uma grande eira da florida. Para aí, sobre a salva de cristal. E adoece. Dentre as pétalas vai sair, em certeza, uma abelha fulva, um desses insectos preciosos, acedados como esmeraldas, uma dessas joias aladas que a natureza improvisa. Não. O que salta de dentro e se espalha e se desarticula sobre o espelho é a negra Josephina Baker. Não dança. Pula. Não canta. Grita. E a platéia e o architecto deliram. Saint-Victor disse um dia que ao espirito francês repugnavam os fetiches africanos; e que ele somente compreendia as canções claras e regradadas do gênio mediterrâneo. Faz muito que Saint-Victor morreu.

A conversa vai longa. Conversa é modo de dizer. Monólogo. Quem tem falado até agora sou eu. E quem está dormindo naturalmente, com razão, é você.

Escreva-me. Recomende-me aos amigos. Mande-me o "Jornal" que ainda não vi, depois de minha partida.

Um abraço do amigo cheio — ALCANTARA".

VI

"S. Paulo, 24 de outubro 1939 — Muito e muito obrigado meu velho, bom e querido amigo Guastini, pelo bem que me fez, inscrevendo o meu nome no limiar de seu último livro. Ando com acerto em reunir um pouco do que espalhou pelos jornais em tantos anos de nóbrega e profícua atividade; o que permite aos homens de minha idade a evocação de acontecimentos e de vultos, que o tempo vai insensivelmente desbo-

tando, deformando, apagando. Polheei o volume com a qual folheia um album de antigos instantâneos. Revir-me na Direita, a porta do "Jornal do Comércio". Passam lentos os apressados Herculanos, Manoel Piza, Cardoso de Almeida, João Junior, gente grave, de aspecto alegre, gente desprocurada, sem gravidade, sem alicença. Deitêm-se um momento. Dão dedos de prosa. Seguem. Na quatro cantos, que logo depois pareceriam, desaparecem. Por vários caminhos vão todos para o mesmo lugar, no alto da direita da Consolação, onde mataram ou mais cedo nos encontros de novo e com eles ficaremos para todo o sempre.

Instantâneos desbotados. E isso mesmo. Que tristeza e também que doçura revê-los, antes que se apaguem de todo, implacavelmente! Quantos, que julgávamos definitivos, se deslizarão na memória dos que vieram depois! Quanta coisa que entendíamos substancial ou capital, se desmoronou sem deixar vestígios! E como vão longe as nossas indignações e os nossos entusiasmos, que nos pareciam eternos!

De tudo isso que se foi para sempre uma coisa restou: — a nossa amizade. Ainda nem! — Um grande, apertado, comovido abraço do — muito seu ALCANTARA MACHADO".

(Mario Guastini — Alcantara Machado)

- (1) — Refere-se a umas pinturas que Guastini acerca das investigações da arqueologia do Arco do Triunfo, já desaparecidas, ao lado de umas mortas de poder Fojá.
- (2) — Por esse tempo, a rua conhecida hoje, onde existia o Alcantara, construiu edifício de alguns andares, ora, de fato, mal afamada.
- (3) — Rua Obligado nº. 1.
- (4) — A última das filhas do Alcantara Machado.
- (5) — Para a casa em que veio a falocar, a rua Frederico Steidel.



Um dos últimos retratos de Alcantara Machado.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA



Ascenso Ferreira, em companhia de Odino Taurins, num desenho de Augusto Rodrigues. — Esta é a caricatura no "Diário de Pernambuco", em 23 de julho de 1939.

NOTA SOBRE ASCENSO FERREIRA

Na modernidade brasileira, uma voz se destacou, singular, exaltando a poesia da vida e do ambiente de Pernambuco: foi a voz de Ascenso Ferreira. Filho do Nordeste, amando o povo e a terra daquela região como não os soubera amar nenhum outro poeta — Ascenso Ferreira criou, por isso mesmo, uma poesia própria, de acentos inconfundíveis. Seus versos de "Cana Colana" dão-nos a respirar os perfumes das bonas silvestres do interior pernambucano, fazem-nos ver as paisagens das vastas canaviais agitadas e os ventos. E trazem para dentro dos nossos olhos as figuras familiares da vida em Pernambuco, as belas moças ("madeira que o cupim não rói"), os devotos de São Sebastião, levando uma galinha gorila para a Mãe; o senhor de engenho que reúne os seus cabras para uma aventura louca; a mulata cheia de dengues que dá estímulos saborosos...

Ascenso Ferreira comparece hoje em nossa antologia com uma seleção de seu livro "Cana Colana". Como não dispunhamos, no momento, dos dados bibliográficos do poeta, damos essas informações em outra ocasião.

BRANQUINHA

Branquinha,
Branquinha
é suco de cana,
pouquinho, — é rainha.
Muitão, — é tirana...

— "Adeus mamãe de Leandri!
— Adeus meu filho Nogueira!
O que tu viste na fiera?
— Cair des de onda handa...
Remoço por terra bôlo
Kafarê no chão deitado.
Minha mãe, venha mais branda...
que em jejum tu te arrechoi!"

Branquinha,
Branquinha
é suco de cana,
pouquinho, — é rainha.
Muitão, — é tirana...

Uma das meus sacudimentos mais notáveis
senhor de muitas terras e sucravias
No Brejo da Madre Deus,
depois do sacrifício da missa,
que o capelão santamente rezava,
tomava uma lapada bô de "branzinb-"
dava garra de uma espada
que pesava bom dos quilos
e gritava entusiasmado
para os negros e para os bois:

— QUEM NÃO ACREDITAR EM NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO APAREÇA!

Branquinha,
Branquinha
é suco de cana,
pouquinho, — é rainha.
Muitão, — é tirana...

"Suco de cana-colana,
passado nos alambiques,
pode até ser prejudicial...
mas bebe toda semana".

— "Adeus mamãe de Leandri!
— Adeus meu filho Nogueira!"

Os revoltosos de 1817
fizeram vinho da mesa porque era português

João Carroça conta cobra verde,
triscando a bicha viva nos dentes
e engulindo os pedacinhos com cachaca!

Zé-Poqueiro de Palmares,
um dia estando risado,
estourou uma bomba de dinamite na mão!...

Seu Neco de Fasto Grande
trepou-se já meio vago
em cima de dois caçula
e disse que estava voando de aeroplano!

Minha avó dizia
que a avó dela dizia
ter sido a "Branquinha"
quem gritou a República de Olinda!

— "Adeus mamãe de Leandri!"
— Adeus meu filho Nogueira!"

Contam os veteranos do Paraguri,
que rangavam no dente o cartucho,
misturavam pólvora com aguardente,
masavam a mistura no bucho
e depois iam brigar...

"Em jejum tu te arrechoi
Cuma xarope dos bêbados...
Tu puxas, — eu arrechoi!
Então começo no chão,
— bata contigo no bucho..."

— "Adeus mamãe de Leandri!"
— Adeus meu filho Nogueira!"

A PEGA DO BOI

A res trematada
ouvira na quebrada
sorrir a toada
de alguém que aboia:

Há-há-há-há-há
Váá!
Mou boi Surubim...
Boi!
Boiáto!

é logo espantada,
sentindo a facada,
no mato embocou...

Aírá, o vaqueiro,
mimando o Vá-va,
Zoubera mergulha...

On caucos uns pedras
davam cada risco
que nem o cosco
de noite no céu

Saltaram valerosos,
subiram olheiros,
passaram fuleiros
e manôcurus...

Ave que enfiu...

No Jacaré
do Castelo,
bem junto a um pé
de mui-cara,
já do Escó
ou direção...

— O raba da bicha correu na mão!

(Poetiza danado e dois vultos no chão).

Mas baixa a poeira
a res manduqueira,
por terra ficou...

E um gesto de glória no espaço vibrou:

Há-há-há-há-há
Váá!
Mou boi Surubim...
Boi!
Boiáto!

A MULA DE PADRE

Um dia no engenho,
já tarde da noite
que estava tão preta
como carvão...
A gente falava de asombração:

— O avô de Zé Pinga-Fogo
anunciara morto na mata,
com o pelo varado
pela cabela do Pé-de-Biquito!

— O cachorro de Brabo Manso
levou, sexta-feira passada,
uma barra das caipotas!

— A Mula-de-Padre que beber o sangue
da mulher de Chico-Lolão...

Na noite tão preta como carvão
a gente falava de asombração!

Lá em baixo, a almanjarra,
a rara almanjarra,
gemia e cantava
que o engenho Alegria
é bom moedor...

— A tardinha!
— Eu, Aça Branca!
— Eu, Beija-flor...

Pela bapaceira
os bois luminavam
e as águas passavam
esperando a vez
de entrar no rojão...

Foi quando se deu
a coisa esquisita:
mordendo, rinchando,
às jópás e aos pulos,
se ponda de pé
com artes de cão,
surgiu uma besta sem ser dali não...

— Atalha a bicha, Baradua!
— Sustenta o laço, Maracanã!

E a besta agarrada
entrou na almanjarra,
tocou-se-lhe a peia
até de mania...

E depois que ela foi solta,
entupiu no óco do mouro!
Num abrir e fechar d'olhos a maldita se encantou!

De tardinha,
gente vinda
da cidade
trouxe a nova
de que a ama
de seu padre
Serador...

amanhecerá tão suzada
que causava compaixão!

Na noite tão preta como carvão
a gente falava de asombração...

CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXI VI- Ascenso Ferreira

A CABRA CABRIOLA

O vento zuniu na noite sem termos:
— E' a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

Ruagare do rio da mata nos sonhos:
— E' a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

O burruau cantando para a lua:
— E' a Cabra-Cabriola que te quer pegar!

— Mas não, os merlhos estavam bandidos?
— A mãe já não ao rio seus peixes lavou...
— E não estavam na voz da danada?

— Já disse que a filha
mandou o ferreiro
bater a garrucha
até afilar...

— E quando voltou por que não matou-la?

— Quando ela voltou
muito nada encontrando
viveu-se em horror...

— Quando eu ficar grande
essa Cabriola me há de pagar!

30 anos passaram
e ainda já estou,
mas, junto a meu leito,
humilhado já não está...

Embala-me o sono
um monstro a gritar:

— Espere, dabilú gi mal!

— Cabra-Cabriola, chega me pegar!

A CASA-GRANDE DE MANGAÍPE

Há muito tempo que a Usina estava danada com ela!
A linda casa-colonial cheia de assombrações...

Debalde, ela, a Usina,
mostrava orgulhosa
o seu beco com aquela pose de girafa!

Debalde mostrava
o giro das rodas
o brilho dos aces
o espelho dos latões...

Muito. Todo mundo que lá ia
se dava nos joelhos
com as bonitas da linda casa-colonial cheia de assom-
brações...

Tentou um esforço derradeiro:
mandou mestre-Carnaúba
fazer um samba bem marcado,
afim dela cantar alegre,
se som das panelas
de suas bombas-de-pressão:

"Olha a volta da turbina,
da turbina, da turbina,
da turbina da Usina,
da Usina brasileira!
Olha a volta da turbina,
da turbina, da turbina,
da turbina da Usina,
da Usina brasileira..."

Qual! Todo mundo só falava
na linda casa-colonial cheia de assombrações...

A vaca Tourina
O cavalo Cachito,
O burro Manhoso
O cachorro Valeão
Todos, a uma voz, unidos repetiam:
— E' bom de dormir narutle terrão
prestigiado por 4 séculos de assombrações!

Então a Usina não ponde mais!
Mandou meter a picareta nas pedras lendárias;
destruiu os quartos mal-assombrados;
enrolou os fantasmas de salas de seda
e capas de emalhas,
respondendo, insolente, à falácia que se levantou:

"Olha a volta da turbina,
da turbina, da turbina,
da turbina da Usina,
da Usina brasileira!
Olha a volta da turbina,
da turbina, da turbina,
da turbina da Usina,
da Usina brasileira..."

MULATA SARARA'

O enjuto te deu a flor para cabelo
deu-te o Maitena o perfume dos olhos
— seus olhos enjuto não faz a gente doer!

No Brasil quem te leva está fazendo é fila,
pois lá se, de verdade, uma coisa bonita:

— Madeira que o cupim não roe!
— Madeira que o cupim não roe!

Paris — que os modas,
costumes e gostos,
pudiam, pros restos
cavale e cartim...

Paris — gente de ouro!
— Boca de Tulumão!
— Guelia de Suroty!

Que engole Odalissa,
Rajala e Sultanas,
as Goshas, Muma,
os Brys e os Pacidás...

— E engulo até a negra Josephina Baker!

Paris, contigo, topou foi óso!
Foi rocha esquisita que nada destrói!

Nosso-Senhor abençoe seus avós de Lábos...

— Madeira que o cupim não roe!
— Madeira que o cupim não roe!

TORÉ

Os dois maraca,
um fino e outro grosso
fazem algarço
nas mãos do Page:

Bambús enfeitados,
compridos e doces,
produzem sons roucos
de querequexé:

Lá vem a nen-branca,
no espaço voando,
vem alto gritando,
— Meu Deus o que é? —

E' o cará-cará
que está na floresta
vai ver minha besta
de pau-catolé!

Cabocla bonita
do passo quebrado,
teu beijo encarnado
parece um café!

Pra te ver, cabocla,
na minha maloca,
fiando na roça,
torrando pipoca,
eu entro na toca,
mato onça a quicé!

SENHOR SANJOÃO

Em frente à Fogueira,
Zusa-Espadado,
bemeu-se sereno
e fez oração:

— Cho-cho!
Cho-cho!

Depois levantou
a vista pro céu
pra ver se espava
senhor Sanjoão!

E meteu os pés nuzinhos nas brasas de fogo quente!

Danou-se! Só quem tem os pés de solai

Porém Zusa, vadiando, andou pra lá e pra cá!
Cusitando, se agachou, pondo fogo no cachimbo!
Depois, puzendo a pistola, atirou fixe no chão!

— Viva Senhor Sanjoão!
— Vivôôô!

A FORÇA DA LUA

Não te chegues, assim, para mim,
ó Maria!
A! Não te chegues, não...

A lua-Chela tem muita força,
Maria!
— E o luar sempre foi a nossa perdição...

O vento que assopra,
assopra com força...
Há força nas águas,
— repara a maré!

E há forças também ocultas na gente,
talvez que a das águas maiores até...

Não te chegues, assim, para mim,
ó Maria!
A! não te chegues, não...

Há força nas águas, há força nos ventos,
forças que em nós ocultas estão...

A lua-Chela tem força muita, Maria!
— E o luar sempre foi a nossa perdição!

O "VERDE"

Meu boi surubim a serra está cachimbando!
Ainda ontem de tardinha, sabá estava cantando
aquela moda que parece uma cantiga de ninar...

(Aquele moda que parece uma cantiga de ninar!)

"Chove chuva!
Pra nascer capim!
Prô boi comer,
Prô boi sajar!
Prá sabá cicar!
Prá fazer seu ninho!
Pra pô seus ovos!
Prá criar seus filhinhos!
Chove chuva!
Vaaá!

No peito das vacas mansas o leite estava mingando!
Os meninos, lá por casa, cotidm, se lastimando,
todos eles, à mãe deles, só pedindo pra mamar...

(Todos eles, à mãe deles, só pedindo pra mamar!)

O Rincho do Navio torrado estava ficando!
No cercado, palmaria, decressando, se acabando,
daqui a três-quinze dias grande era nosso penar...

(Daqui a três-quinze dias grande era nosso penar!)

Porém, meu boi surubim, a serra está cachimbando!
O "Verde" já vem aí que sabá estava cantando
aquela moda que parece uma cantiga de ninar...

(Aquele moda que parece uma cantiga de ninar!)

"Chove chuva!
Pra nascer capim!
Prô boi comer!
Prô boi sajar!
Prá sabá cicar!
Prá fazer seu ninho!
Pra pô seus ovos!
Prá criar seus filhinhos!
Chove chuva!
Vaaá!

SENHOR DE ENGENHO

— Calhana!
Chasna al Zé-Pinga-Fogo,
Batinga, Pedro-Quiximbeca,
Mané-Rasga-Guelia,
aquele negro da orelha lamba
e o velho Pedro-Canchô!

— Pronto, seu coronel!

— Tem coragem de morrer na bala,
cabras danados?

— Só a gente vendo, patrão!

— Então ajuntem as redes todas,
vamos dar uma pescada,
que eu estou com vontade de comer carito!

SUCESSÃO DE SÃO PEDRO

— Seu Vigário!
está aqui esta galinha farda
que eu trouxe pro Martin São Estevão!

— Está falando com ele!
— Está falando com ele!

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 1.ª Série - Antologia da Poesia - XXIV - Ascenso Ferreira

NORDESTE

O ferro malhando no topo das baranúas.
Nas lombadas da terra o sol é de laçar...
— Nem uma folha só fazendo movimento! —

— Nana! O Nana!
— In-ô!
— Chega me abanar...

Pouco a pouco, porém, vem vindo um frio lento
trazido pelas mãos de moça do luar...
— Que guio nos coqueiros acarinhados pelo vento! —

— Nana! O Nana!
— In-ô!
— Chega me esquentar...

TREM DE ALAGOAS

O sino bate.
O condutor apita, o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar:

— Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Com vontade de chegar!

Mergulham mocambos
nos mangues molhados
moleques, mulatas,
vem vê-lo passar:

— Adeus!
— Adeus!

Mangueiras, coqueiros,
cajuieiros em flor,
cajuieiros com frutos
já bons de chupar...

— Adeus morena do cabelo cacheado!

Mangabas maduras,
mamões amarelos,
mamões amarelos.

que amotram, molengos,
as mamas macia
pra a gente manjar...

— Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Com vontade de chegar!

Na boca da mala
há fumaças incriveis,
que em coisas terríveis
tuo fazer pensar:

— Ali dorme o Pai-da-Mala!
— Ali é a casa das Calpurnas!

— Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Com vontade de chegar!

Meu Deus, já deixam
a praia tão loura...
No entanto avistamos
bem perto outro mar!

Dancou-se! se houve...
Se arquera... faz coisa...
— Que nada! — É um partido
— Já bon de rorlar...

— Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Com vontade de chegar!

Cana-calana,
Cana-roxa,
Cana-fita
cada qual a mala bonita
todas boas de chupar...

— Adeus, morena do cabelo cacheado!

— Ali dorme o Pai-da-Mala!
— Ali é a Casa das Calpurnas!

— Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Vou danado pra Calendel!
Com vontade de chegar!

Ascenso Ferreira

*O Sr. Simão Filho está na
hora o mesmo do "Jornal"
em volta*

Aty

"Faz a vida" de um grupo de Asinas Ferreira.

MONÓLOGO COM A EMIGRADA -- LÊDO IVO

C'est le poète qui console l'humanité!

ISIDORE DUCASSE, comte de Lautreamont.

Há dias, eu me encontrava no último andar de um edifício e, de súbito, comecei a escutar, vindo de um apartamento, a "Paixão segundo São Mateus", de Bach. Durante incontáveis minutos ouvi essa laboriosa execução, que alguém estaria executando diante de uma eletrola, indiferente aos bondes que passavam levando gente para o Flamengo e o Botafogo, aos ônibus cheios de cotidiano, à vida que se misturava com o sol da eufórica alegria matinal. Era domingo, porém me pareceu que, mesmo em vista de se tratar de um dia de descanso, aquela música estava efetuando uma violência, uma intolerância. Os homens passavam indiferentes, sem lhe prestar a menor atenção. O gênio de João Sebastião Bach, entre arranha-céus e jardins, durava por horas, mas ninguém o percebia. Entretanto, uma janela ou um elevador fizeram com que eu o escutasse e lamentasse não poder ouvi-lo mais de perto.

Depois, uma tristeza me invadiu, tristeza vinda do peito íntimo do poeta. Nesta hora trágica, o mundo está desprezando a Poesia, os homens passam indiferentes aos apelos e êxtases contidos nos versos, como os elementos diante da audição de Bach. A Poesia é mais uma vez, a Grande Desprezada, a Emigrada, e parece incrível que alguns poetas procurem dar os seus versos um quê de acessibilidade procurada, de concessão, como se quisessem, assim, fazer as pazes com o inimigo que é a incompreensão da falta de interesse do público.

A Poesia é hoje uma intolerância, uma violência, lançaram-na mais uma vez nas fogueiras da Inquisição representadas pelas exigências da vida moderna, e exigem que sua condição primordial de aceitação seja a utilidade no imediato. ao que pertence unicamente a estes tempos — a estes desavairados tempos de hoje, em que as bombas estão caindo nos parques e nos jardins, destruindo cidades matando soldados, e as violências não se fizeram esquecer, acordada que está em nosso espírito a lembrança dos sábios jogados aos campos de concentração dos poemas de Rilke queimados, das músicas de Mozart incendiadas. Em vão a Poesia fala de todos esses rumores, convida os homens a lutar com a esperança em seu privilégio: os homens não a querem ouvir.

Apesar da inexistência da confortável torre de marfim, todos os poetas têm de se situar em uma zona de difícil acesso, em uma colina que está a esperar pelas grandes e heroicas escaladas. Mas somente o poeta guardado consigo a explicação de que o mundo necessita, e a transmitirá ao menor sinal, em qualquer lugar, nos mercados, nas estações, nos campos de batalha e até mesmo nas praias, onde as espumas das ondas brilham eternamente.

Os homens devem compreender o supremo sacrifício dos poetas. Um poema é uma coisa difícil e dolorosa como um parto, e para que seja compreendido, é necessário que sua realização poética seja perfeitamente realizada, obedecendo às menores exigências do obscuro código de interpretação e decomposição poéticas. A Poesia é complexa e absoluta.

É doloroso que muitos, ao posar os olhos diante de um poema, procurem nele apenas o que interessa a si, as suas convicções e pontos de vista, pois esse procedimento equivale a negar o próprio poema, desvirtuando, essa "princesa do som-lí-fu" que é a Poesia, a grande essência da Presença. O poeta escreve para toda a Humanidade, para os banqueiros e operários, crianças e velhos, soldados e padres, mulheres e estudantes, mas o que ele pretende transmitir é sua palavra, nascida de suas águas e invisíveis do sol, deportada por correntes oníricas para as praias do mundo visível, imóvel e conflante ao ser transposta para o papel, como se pela primeira vez alguém estivesse empregando a palavra "noite" da linguagem escrita. A posição do poeta, no mundo, deve ser grave, solene e primordial. Ele é o boxeur das palavras, o mágico, o pinheiro a anunciar a primavera nos desertos. O mundo é, realmente, o que ele imagina, tem na feição dolorosa e involuntária de seus poemas, e a Poesia é a voz desse mundo, sua verdadeira arquitetura, com as linhas e os planos colidos no momento em que a dor grata a experiência lentamente elaborada e os elementos se ordenam dentro de sua forma conciente, e as fugas são os sinais de possíveis insuficiências de palavras escritas.

Muitos pretendem ver no poeta um a-político, um desinteressado dos problemas, que ocupam as manchetes dos jornais, as conversas dos homens da rua, das moças lúpidas que trabalham em escritórios, dos trabalhadores das docas que oferecem fardos aos navios, como se um poema não fosse programa político, e não obedecesse às diretrizes que refletem a posição do poeta em face das coisas, dos acontecimentos, dos seres, da vida.

O mundo também é uma estranha princesa de sono louco, e é neste misterioso sono que podemos encontrar a fantástica atmosfera de magia, sonho, visões, impossibilidades alucinadas. Daí o heroico desejo de comunicação, a luta contra as formas rígidas, sistemáticas e disciplinadas, o Canto Implacável que sai do peito machucado do Poeta.

Apenas ele se julga e justifica dentro de sua realização, por ele poucada e disciplinada. Conquistando sua forma, transmitindo-se, realizando-se em si mesmo, recebendo do mundo uma poderosa contribuição de fertilidade com o vigor de uma árvore cujas raízes estivessem assentadas em um solo profundo, um poeta é antes de tudo um homem, respirando sua atmosfera de todos os dias; a atmosfera de quem estivesse a recompor um jogo destruído.

O mesmo se dá quando a cultura e a mágica de um lirismo anárquico estão a escorrer como a limpidez da água de uma fonte. Nada mais lógico, portanto, do que sua habitual tentação em dar um equilíbrio ao caos que o rodeia. Esse equilíbrio não ocorre, entretanto, no estabelecido e assegurado. Um clínico, diante de uma mesa de operação, ou um datilógrafo, executam tarefas que visam normalizar determinados fatos, equilibrar elementos. Um poeta, mesmo após a existência de Lord Byron, Percy Bysshe Shelley, Rimbaud, Lautreamont, Dante, Camões, Baudelaire, Alfonsus de Guimaraes e tantos outros, seria como um clínico a realizar a primeira operação do mundo, a se equilibrar por intermédio da violência e da intolerância, em Jeritimo ao fato de o mundo exercer nele uma irreversível intolerância de policiamento.

Não se curvam diante do mistério, graves como aquela criança que há dias perguntou a um manin: "Por que é que a vida vem caminhando sempre e não para afunda?"

O poeta valoriza sua realidade, valorizando sua disciplina, a missão do poeta é cantar, e esse canto seja universal, apesar de sua particularidade.

Isso deve ser realizado com a fúria de uma criança desobediente que inventasse — como as vezes acontece — um vocabulário pessoal e lhe existisse o pronto, uma universalidade, acreditando que ele poderia ser utilizado por diferentes povos e ser língua oficial de países distantes.

O lucro deve vir para o poeta sem que ele o sinta — por "capro" que tem o poeta ao ser conhecido, ao local em que se empederndos sem ter feito a menor concessão sem ter feito a sua voz a tonalidade de quem estivesse a falar em um estúdio e quisesse ser entendido pelo advogado, pela moça do Mercado, pela florista da Lapa e pelo jornalista de Copacabana.

Hoje, o poeta sente a incompreensão, junto à estátua branca e eufórica da Aurora.

O pobre mundo nosso assiste ao crescimento de mitos e tradições e, para devolver a grandiosidade às realidades fugitivas da vida, parece que essa batalha que não deixa tempo para a audição do Canto, os homens parecem dizer: "Pois não há luz meridiana e não há canto claramente e nada de incerteza!"

Também a poesia, a Desprezada, a Emigrada, vem caminhando sobre o mar. Semelhante a um navio que vem caminhando sobre o mar e não afunda.

Heredia em Português — La Conque

*Par quels froids Océans, depuis combien d'hivers,
— Qui le saura jamais, Conque frère et nacreel —
La houle, les courants et les raz de marée
T'ont-ils roulée au creux de leurs abîmes vert?*

*Aujourd'hui, sous le ciel, loins des reflux amers,
Tu l'es fait un doux lit de l'ère dorée.
Mais ton espoir est vain, Longue et désespérée,
En toi pénit toujours la grande voix des mers.*

*Mon âme est devenue une prison sonore:
Et comme entes repis pleure et soupire encore
La plainte du refrain de l'ancienne clameur;*

*Assis du plus profond de ce coner trop plein d'Elle,
Sourde, lente, insensível et pourtant éternelle,
L'onde en moi l'oragieuse et lointaine rumeur.*

I

A Concha

(FREITAS GUIMARAES)

Quantos invernos há, e por que frios mares,
— Quem nunca o saberá ó concha nacarada! —
Nas abismos a ti trouxeram-te arrastada
As marelas cruéis e as ondas seculares?

E tu, que, sob o céu, longe dos mil azares,
Foste o leito al. sobre a areia dourada.
Tua esperança é vã: longa e desesperada,
Gema em teu seio a voz do oceano os seus pezares.

Minha alma se tornou numa prisão sonora:
Qual nesse teu regaço, inda suspira e chora
Todo o antigo clamor dessa queixa tamanha,

Tão, no meu coração, que vive cheio deis,
Um longínquo rumor de tremenda procela.
Surdo, insensível, lento, eterno, me acompanha!

II

A Concha

(EUGENIO SAVARD)

Em que mares sem termos, e desde quantos anos
Quem saberá jamais, ó concha nacarada?
A exarceio, a corrente, as ondas em manada
Te arrastaram por entre esses verdes arcanos?

Hoje, a luz, fora da água e dos fluxos tiranos,
Gru-te um macio leito esta areia dourada.
Mas, esperança vã! Longa e desesperada,
Eternamente em ti geme a voz dos oceanos.

Minha alma transformou-se em cárcere sonoro:
E como em ti também chora e suspira ainda
Esse antigo clamor, essa lástima infinda,

No entro do coração cheio — dela que adoro,
— Lento, insensível, surdo, e perpétuo entretanto,
Ruge em mim o longínquo e tempestuoso canto.

III

A Concha

(CRUZ FILHO)

Por que Oceanos glaciais, e há quantos centenares
De anos, — quem o dirá, fragil concha rosada! —
Te rolaram no abismo o esto da vaga irada
E as correntes do pego, em lúgubres preamarias?

Hoje, sob outros céus, longe dos pátrios lares,
Descansas, afinal, sobre a areia dourada.
Mas teu anseio é vão. Longa e desesperada,
Em ti soluça sempre a grande voz dos mares.

Minha alma, é, como a tua, uma prisão sonora:
E tal com em teu seio ainda soluça e chora
O quixume sem fim do oceânico clamor;

Assim, no coração, que Ela habita e governa,
Surda, lenta, ignorada e, todavia, eterna,
Chora em mim a canção de um longínquo rumor...

IV

A Concha

(RAUL MACHADO)

Por quanto mar gelado, e desde quantos anos,
— Quem o dirá jamais, róseo e squéreo tesouro! —
A vaga, a correnteza, a enchente e o sorvedouro
Te levaram, rolando, em seus golfões insanos?

Hoje, livre, porém, dos vórtices tiranos,
Tentas, feliz, dormir sobre as arcias de oiro.
Mas, o tentas em vão! Pois, largo e imorredouro,
Soluça, no teu seio, o choro dos oceanos!

Minha alma também lembra uma prisão sonora:
E como, forte, em ti, ainda suspira e chora,
Na antiga voz do mar, a música das águas,

Assim, no coração, morto de amor por Ela,
— Surdo e eterno bramir de longínqua procela —
Ruge em mim o clamor de inesquecidas maguas!

V

A Concha

(CARLOS BRANDÃO)

Quem o tempo dirá e os oceanos frementes,
Que as ondas, as marés ó concha nacarada,
Fizeram-te rolar, sozinha e abandonada,
Do glauco abismo, ao fundo, ao sabor das cor-
rentes?...

Em calma, sob o céu, longe do oceano, sentes
Hoje a docura e a paz, na areia, repousada...
Mas, esperança vã!... Longa e desesperada,
Em ti retumba a voz das vagas inclementes...

Minha alma se tornou uma prisão sonora!...
E, assim como em seu seio ainda suspira e chora
A grande voz do mar, num quérulo clamor,

Também do coração, onde Ela sempre existe,
Surdo, invisível, lento e eternamente triste,
Sóbe um rouco marulho, um íntimo rumor...

VI

A Concha

(LUIZ FRANCO)

Depois de tanto inverno, a que gelado oceano
Foste, quem saberá, ó concha nacarada!
Das correntes do mar, ao poder soberano,
No abismo verde andaste sempre abandonada?

Um leito agora tens sobre a areia dourada,
Sob o infinito céu, longe do horror insano:
Mas, esperança vã! geme desesperada
Em ti da voz do mar, o misterioso arcano.

Minha alma se tornou uma prisão sonora:
Como no seio teu ainda suspira e chora
Ecoando sem cessar todo o antigo clamor,

Assim no coração, que por ela palpita,
Como a voz que há em ti, surda, lenta, infinita,
Ruge em mim tempestuoso e longínquo rumor.

VII

A Concha

(ERNANI LOPES)

Por que oceanos glaciais, desde quantos invernos
— Quem poderá sabê-lo, ó concha nacarada! —
Tens rolado com a onda, em seus val-vens eternos,
Fragil filha do mar, pelo mar sequestrada.

Mas fugiste, E, ao calor de bons ventos galernos,
Tentas hoje dormir sobre a areia dourada.
Em vão! Que no teu bojo ouves, desesperada,
Sempre o tristinho ecoar dos lamentos paternais.

Minha alma é também hoje uma prisão sonora
E, como no teu seio inda suspira e chora
Da grande voz do mar o intermimo clamor,

Assim, no coração que a adora tanto e tanto,
Lento, insensível, surdo, e perene, entretanto,
Ruge em mim da saudade o longínquo rumor.

VIII

A Concha

(LUCIO MESQUITA)

Em que mares de gelo, após quantos invernos,
— Quem te dissera um dia, ó concha nacarada!
Os turbilhões sem fim da água que roge e bradi
Levaram-te, em fragor, aos abismos supernos?

Hoje, sobre este chão, longe os fluxos eternos,
Achaste um leito suave — esta areia dourada.
Mas a esperança, é vã! Longa e desesperada,
Diz uma interna voz teus suspiros internos.

Eu tenho na minha alma uma prisão sonora
E como no teu seio ainda suspira e chora
O prantino refrão do atro clamor extinto,

Assim, no coração em que ela, eterna, habita,
Surda e lenta, porém dolorosa e infinita,
Uma longínqua voz de saudades eu sinto.

IX

A Concha

(M. C. BANDEIRA FILHO)

De tua estranha vida os dias singulares
Quem saberá jamais, ó concha nacarada?...
Quantos invernos foste envolta e transportada
No largo seio azul das ondas seculares?

Hoje, longe do mar, sob a amplidão dos ares,
Fizeste um doce leito entre a areia dourada.
Mas a tua esperança é vã! Desesperada
Sempre há de em ti gemer a grande voz dos mares!

Minha alma se tornou numa prisão sonora,
E como no teu seio assim suspira e chora,
Como uma longa queixa, o remoto clamor:

Nesse meu coração tão cheio d'Ela, tanto!...
Surdo, insensível, lento, e eterno no entretanto,
Brame o tempestuoso e longínquo rumor...

NOTA — M. C. Souza Bandeira Filho é o nome com que outrora assinava os seus trabalhos o poeta Manuel Bandeira. Sua tradução de "A Concha" apareceu na "Renascença", dezembro de 1906.

